

Silveira de Souza
ECOS NO PORÃO

volume 2

ECOS NO PORÃO

volume 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitor

Luiz Carlos Cancellier de Olivo

Vice-Reitora

Alacoque Lorenzini Erdmann

EDITORA DA UFSC

Diretora Executiva

Gleisy R. B. Fachin

Conselho Editorial

Gleisy R. B. Fachin (presidente)

Ana Lize Brancher

Ana Paula Santana

André de Avila Ramos

Andreia Guerini

Carlos Luiz Cardoso

Eliete Cibele Cipriano Vaz

Gestine Cássia Trindade

Katia Jakovljevic Pudla Wagner

Kátia Maheirie

Luis Alberto Gómez

Marilda A. de Oliveira Efftting

Pedro Paulo de Andrade Jr.

Rafael Inácio Barbosa

Sandra Regina de Souza Teixeira de Carvalho

Editora da UFSC

Campus Universitário - Trindade

Caixa Postal 476

88010-970 | Florianópolis-SC

Fone: (48) 3721-9408

editora@contato.ufsc.br

www.editora.ufsc.br

Silveira de Souza

ECOS NO PORÃO

volume 2



Contos selecionados pelo autor

© 2011 Silveira de Souza

Direção editorial:

Paulo Roberto da Silva

Coordenação editorial:

Manoel Ricardo de Lima

Editoração:

Carolina Pinheiro

Capa:

Maria Lúcia Iaczkinski

Revisão:

Flavia Vicenzi

Ficha Catalográfica

(Catalogação na fonte elaborada pela DECTI da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina)

S729e Souza, Silveira de, 1933-

Ecos no porão : volume 2 / Silveira de Souza,
1. reimp. – Florianópolis : Editora da UFSC, 2012.

140 p.

ISBN 978-85-328-0535-5

1. Contos catarinenses. I. Título.

CDU: 869.0(81)-34



Este livro está sob a licença Creative Commons, que segue o princípio do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais.

br.creativecommons.org

SUMÁRIO

Canário de assobio (1985).....	7
O homenzinho que corria	9
O meu secretário	13
Românticas neuroses.....	17
Uma insólita amizade.....	21
Porcelanas.....	25
Um nome: Marina	27
O velhinho das trovas	31
Canário de assobio.....	35
Relatos escolhidos (1998).....	39
O olho de Deus	41
Uma voz abafada	51
O álbum de ceninhas.....	55
Vidraças partidas	61
Cinco dias úteis	65
Contas de vidro (2002)	69
Altamira	71
Planos	73
Depoimento	77
Papo da avozinha	81
Ruídos na casa	85
Um, dois, três	89
Diário de campanha	93
O tubo do sr. Lenard.....	97
He, he, he, he!.....	101
Contas de vidro.....	105

Outros relatos	109
Grotesca armação	111
Inocente útil.....	117
Quase três horas em Candeias.....	121
Associações caóticas.....	125
Ecos no porão	129
Principais obras publicadas.....	137

♦ CANÁRIO DE ASSOPIO (1985) ♦

O HOMENZINHO QUE CORRIA

Debruçado à janela do apartamento, olhava distraído do alto o conjunto de telhados mais abaixo, que se distribuía em diferentes níveis sobre as casas tão distintas e heterogêneas. A vista era ampla. Verdadeiro corredor verde serpenteava por entre as dezenas de casas: quintais gramados, árvores diversas, agrupamentos de bananeiras, palmeiras ou coqueiros espalhados aqui e ali. Toda a área subia em aclive a sua frente e ele podia ver os inúmeros caminhos de terra - ruas improvisadas - que desciam da Avenida Ivo Silveira mais acima, parcialmente oculta pela vegetação e pelas construções da margem. Os veículos corriam pela Ivo Silveira como se deslizassem no ar. Ele estava distraído e as pessoas dispersas lá embaixo, minúsculas marionetes, não despertavam interesse. Mas, o que era aquilo?

Um homenzinho, sem dúvida. Um homenzinho que descia da Avenida pelo atalho de terra mais próximo e visível do alto do apartamento. Um velhote muito magro, anguloso, que parecia estar a fazer exercícios de *cooper*, enfiado num espalhafatoso e folgado calção verde, usando tênis azul e uma camiseta vermelha que expunha os braços ressequidos e parte dos ombros. O velhote corria esbaforido sob o sol, no embalo da descida, os braços finos em ângulo de noventa graus a se movimentarem para diante e para trás. Ora, vejam só, que figurinha ridícula! Por que se aventurava naquele atalho íngreme e poeirento? Seria por acaso um habitante da vizinhança? Mas, de súbito, quando o velhote atingiu o

limite de visibilidade em relação à janela do apartamento, quase no sopé da estradinha em alicate, pareceu olhar para ele levantando a cabeça de nariz longo e cabelos ruços. Sim, pareceu abrir ou torcer a boca num sorriso escarninho e – agora não havia do que duvidar – ergueu o braço esquerdo, atirando um aceno de adeus com a mão espalmada na direção do apartamento. Depois sumiu de vista. Bem, esta foi a primeira vez.

Na segunda vez, dias depois, ele estava num bar em Itaguaçu, a beber pensativamente uma cerveja. Ocupava pequena mesa sobre a calçada, ao ar livre, e contemplava, sempre distraído, as pedras que emergiam em grandes blocos das águas da Baía Sul. Pensava qualquer coisa abstrata, como a ideia banal de que a contemplação da beleza – mesmo da simples beleza natural – provocava um desgaste para as configurações da realidade. Havia sempre, após cada contemplação, uma espécie de “perda infinitesimal” no relacionamento do observador com o mundo objetivo. Porque, aos poucos, a beleza ia habituando a mente para outras geometrias. Talvez aí residisse o seu grande perigo. Pensava nisto e então, de repente, eis que surgiu correndo, no outro lado da rua sobre a faixa de cimento do quebra-mar, o mesmo homenzinho ridículo de dias atrás, vestindo o mesmo calção largo e grotesco, a mesma camiseta vermelha. Movimentava os braços raquíticos para a frente e para trás, em ângulo de noventa graus. Deslocava-se em linha reta, concentrado nos seus passos, a respiração ofegante, vindo de uma ruela à direita. Ao passar diante do bar, no extremo oposto da via asfaltada, deu a impressão de virar lentamente a cabeça na direção dele. Sim, aquela cabeça de cabelos ruços, de nariz longo, com a boca

contorcida num sorriso escarninho. Assim foi passando, até desaparecer à esquerda.

Na verdade, tudo por certo seria fatalmente esquecido não fosse o pesadelo, semanas depois. O pesadelo terrível que fazia agitar-se sobre a cama o corpo banhado de suor. Desgovernada, a caçamba gigantesca vinha sobre o carro que ele dirigia. Houve o choque, a sensação dolorosa do corpo a projetar-se no espaço, o baque sobre o chão, a noite longa e absoluta. Em seguida, o desvendamento daquela planície colossal e desolada, como um universo primordial e desaparecido. Mar infinito e aterrador, sombras de montanhas desertas na distância não medida. Solidão imensa que gerava uma angústia opressiva no ser imóvel sobre a terra. Angústia que poderia ser sem esperanças, não fosse a pequena mancha longínqua que parecia mover-se na sua direção, crescendo sempre mais, como alguém que viesse correndo de longe na sua direção, talvez para levar aquela coisa imponderável e lúcida que pairava acima de seu corpo inerte e já inútil.

O MEU SECRETÁRIO

Desde que contratei os serviços do meu secretário, comecei a perceber como vinha agindo de modo errado todos esses anos. Para começo de conversa, eu era um cara displicente no que se referia a roupas, ao vestuário em geral, aos detalhes que compõem uma boa aparência. O primeiro ato do meu secretário, logo que assumiu a sua função, foi pronunciar uma breve mas lógica dissertação sobre a importância da aparência pessoal em todos os setores da vida pública e privada. “É um ponto chave”, concluiu ele, “você tem de criar uma imagem e um estilo, para que enfim as pessoas acreditem naquilo que você deseja que elas acreditem...”

Depois disso, ele arregaçou as mangas e pôs mãos à obra. Visitamos as melhores lojas, gastei uma pequena fortuna em camisas, sapatos, gravatas e outras peças. Ameacei resistir ao uso de gravatas, por considerá-lo um costume idiota e incômodo. “Tolices”, disse o meu secretário, “você nem imagina o efeito que uma gravata causa a determinada classe de pessoas”. Enfim, creio que os nossos esforços não foram inúteis. Hoje até encontro gente que ri das minhas velhas piadas.

Não me canso de admirar cada vez mais a objetividade e o senso de oportunidade do meu secretário. Ele afirma que o importante não é o que eu penso, se o que eu penso não atingir o maior número possível de pessoas. De acordo com essas premissas, começamos a pesquisar a maneira mais adequada de influenciar um grupo de pessoas com o meu pensamento. Na verdade,

o meu pensamento não contou muito nessa coisa toda, ficou mesmo bastante desfigurado, ou desvirtuado, dado o número de frases feitas e apelos emocionais que o meu secretário introduziu no contexto, mas conseguimos excelentes resultados de recepção devido aos exercícios de imitação da voz, de inflexão, de gesticulação, de expressão corporal. “Veja”, exclamava o meu secretário eufórico e batendo palmas, depois de examinar as análises de resultado, “houve um *feedback* quase perfeito!”

Chegamos a ir mais longe ainda. É claro que aproveitamos a projeção popular que o meu nome começava a ter e então me candidatei à eleição de um cargo político. Há muito tempo diversos problemas sociais me comoviam e eu considerava um importante e sério dever de todo cidadão pensar as soluções corretas para tais desafios e, quando possível, resolvê-los diretamente pela ação político-administrativa. Entretanto, assim que preparava as propostas da minha plataforma eleitoral para uma apresentação pública, fui sutilmente advertido pelo meu secretário. “Não me leve a mal”, disse, “mas você corre o risco de cair do cavalo”. Então me fez ver a inconveniência da abordagem de tais questões naquele momento, pois iriam desagradar importantes setores da comunidade. Em seguida, reuniu uma equipe de trabalho verdadeiramente extraordinária. Um levantamento completo se realizou de todas as características do tipo de audiência que viria me escutar, as classes modais de sua posição na escala social, seus problemas, o que eles desejavam ouvir. Por fim, a equipe me entregou uma relação de assuntos e frases que deveriam ser pronunciadas e também indicações sobre a maneira como deveriam ser pronunciadas. “Aqui está a base da sua vitória”, me disseram. “Não se importe com

o fato de não poder cumprir o prometido. O importante é que essas coisas sejam ditas”. E, de fato, assim foi. Venci as eleições.

Atualmente, sou um homem tremendamente atarefado e não tenho tempo nenhum para pensar em questões cruciais. São muitos os grupos de pressão, os descontentamentos, as guerrinhas de bastidores. As informações que chegam até mim passam pelo crivo dos meus assessores. Não estou muito certo se consigo apreender a situação como um todo. Os especialistas falam, explicam, teorizam, e eu termino por concordar com eles. Quando, entretanto, os problemas chegam a uma fase aguda e ameaçam uma crise, eu chamo o meu secretário. Sei que ele encontrará uma saída para harmonizar as coisas. Como de hábito, vai entender tudo de um relance e vai dizer: “É possível. Vamos providenciar”.

ROMÂNTICAS NEUROSES

Às vezes está no escritório, a trabalhar. Por exemplo, datilografa um relatório ou uma exposição de motivos. O assunto é enfadonho, mas inadiável. Num dado momento, alguma coisa vinda do interior dele mesmo o distrai. Os dedos se paralisam sobre as teclas da máquina; o pensamento se desvia para um território neutro, enevoadado; os olhos se erguem abstraídos dos objetos reais, para verem somente a mulher, que está pensando nele. De início é simples imagem nebulosa, ondas invisíveis de tênue fumaça que sobem pelo ar e se entrelaçam em anéis, formando o rosto que é desconhecido, mas logo desejado. E o rosto pensa nele, procura-o na distância em frase que brota de súbito no pensamento: “Que cara legal que ele é!” Então ele se envaidece em silêncio por ser um cara legal, mas há um abismo, um vácuo, como sombra a impedir o encontro deles. Ela, a mulher, quer materializar-se, vir ao encontro dele, no entanto algo sempre acontece e interrompe a irresistível corrente vibratória que tenta uni-los. Então ele cai em si e volta a datilografar o relatório enfadonho e inadiável.

Sempre uma história, um episódio, que se intromete. Outras vezes pode estar recostado numa poltrona a ler um livro. Os olhos correm de um lado para outro, no movimento impensado e rápido de captar as palavras que tecem a arte e o drama em seu cérebro. De repente, uma especial palavra, um som vindo de fora – ou terá sido apenas a ligeira mudança da luminosidade sobre o vidro da janela? – distrai a mente daquelas personagens

que sofriam e se conflitavam em projeção imponderável. E daí a mulher, a mulher/rosto/corpo, sempre diferente das sonhadas em outras vezes, mas enfim sempre a mesma, indefinida e próxima, surge no espaço em múltiplas situações, numa praia, numa boate, nas ruas centrais apinhadas de gente, num quarto de motel, numa igreja. Nem sempre está só, homens a procuram, pessoas conspiram contra eles, outros amores lhe são impostos e ela os aceita, há intensidade de afetos e renúncias, de capitulações e rebeldias. Tudo por causa dele. Ainda que figura ausente nessas representações, ele é uma constante obsessiva, ansiada, no pensamento dela, que é afinal o pensamento dele. E ele se envaidece e sofre íntimo sofrimento, na solidão que tudo dissipa, quando então vem à tona e os olhos encantados e perplexos voltam a olhar as palavras do livro. “Coroa neurótico e solitário”, pensa de si mesmo, tentando rir da própria contração inibidora ante os prazeres reais.

Figura ausente nas representações, ele coordena porém os acontecimentos com o seu egoísmo, a sua dependência afetiva, sensações de terna compreensão ou de ressentida tirania. Ela se deixa envolver às pressões do mundo porque o ama, entrega-se a outros homens porque o ama e ele a faz sofrer por despeito, por simulada indiferença, embora sentindo um espinho a ferir-lhe o coração. Masoquismo? Quantas vezes morreu, para imenso desespero dela? Quantas vezes a matou, para atroz amargura de seus devaneios?

Uma constante: os momentos finais que antecedem à morte. Ela jaz deitada, numa campina? Em plena calçada? No beliche de uma cabana, a retirada cabana de um homem? Ela jaz deitada e olha triste do interior de

seu sonho, como se acaso ele pudesse estar presente. Há alguma coisa que relembra nele, de modo impreciso, um trecho lido de romance antigo, uma história contada, uma cena de filme sentimental ou de novela de televisão. Ela jaz deitada e diz “eu te amo” num fio de voz, no instante sublime que precede a morte. Ele se comove. Talvez uma névoa úmida preencha os seus olhos. Mas então, de súbito, cai na realidade, correndo os olhos despertos e contrafeitos - mas de certa forma recompensados - pelos enfadonhos e banais objetos circundantes, que são o mundo que ele deve sofrer com a sua displicente e premeditada infelicidade.

UMA INSÓLITA AMIZADE

À tarde, por volta das cinco horas, encontravam-se no centro da cidade. O mais alto e gordo aparecia quando o magro e baixo, rosto miúdo de olhinhos vigilantes e melancólicos – rosto de coruja –, já estava sentado no banco costureiro do jardim da Praça XV de Novembro. O gordo sempre surgia de recantos diferentes, como elo perdido da corrente humana que, àquela hora, circula pelos caminhos da Praça. Sentava-se ao lado do magro no mesmo banco, apoiando as mãos espalmadas sobre os joelhos, as pernas afastadas, o tronco ereto, uma figura de porte altaneiro a exhibir a barriga proeminente sob o paletó que nunca abotoava e a camisa de colarinho aberto, sem gravata.

Encontraram-se pela primeira vez há cinco ou seis semanas, quando o gordo por acaso e cansado de tanto andar sentou-se no banco ao lado do magro. Sem olhar para ele, mas voltando a cabeça para um lado e outro como se procurasse alguém entre as dezenas de pessoas que passavam ali, disse: “Acredita que fiquei quase uma hora na fila para receber a droga da aposentadoria?” Então o magro, inclinando a cabecinha de coruja, respondeu: “Pois acredita que a minha ainda não foi depositada?”

A partir daí os encontros foram frequentes, quase diários. Se os diálogos que travavam podiam dar, a quem os escutasse, a impressão de confusos ou destituídos de sentido, não havia dúvida de que contribuiram para solidificar uma terna e original amizade.

De início falaram apenas de generalidades, como estranhos cordiais. O gordo, por exemplo, dizia, sem olhar para o magro: “Faz anos que não vejo uma jabuticaba. Gostaria de saber por que ninguém mais planta jabuticabeiras”. O outro retrucava: “Deve fazer mais de vinte anos desde a última vez que vi um ingá”. Recordava o gordo: “Quando eu era garoto havia uma árvore enorme que dava uma frutinha roxa que a gente chamava de baguaçu. Me diga uma coisa, que fim levaram os pés de baguaçu?” “E os cinamomos ? E os butiás?”, indagava o magro. Falavam também de passarinhos, de ervas curativas, de festejos antigos, de devoções. Dizia o gordo: “Quando eu era garoto, Deus era como um xarope caseiro que a gente tomava todas as noites antes de deitar. A gente tomava uma colherada de Deus e ficava livre de todos os males até o dia seguinte”. O magro filosofava: “Não se fazem mais xaropes caseiros”.

Iam transcorrendo os dias e aquele conhecimento feito de retalhos de conversas aprofundava-se sempre mais. Umhas poucas palavras, duas ou três frases, começavam a revelar detalhes da vida pessoal, familiar, de cada um deles. Pequenos acontecimentos vividos no dia a dia e comentados durante os encontros identificavam sentimentos comuns que se manifestavam numa rápida troca de olhares compreensivos ou num breve esboço de sorriso. “Se eu pudesse nascer de novo, não me casava”, confessou o gordo. O magro refletiu, escolheu cuidadosamente os vocábulos: “A vida de casado não é má, porém cerceia a liberdade do homem”. E ficou a saborear silencioso a palavra “cerceia”.

Certa vez o gordo observou que os olhos melancólicos e vigilantes do amigo aparentavam estar mais

melancólicos e menos vigilantes. Esclareceu o magro: “Não ando passando bem. Ontem à noite senti falta de ar, uma certa tontura, de certo motivados pela onda de calor que anda fazendo neste últimos dias. Mas minha filha marcou consulta para amanhã com o doutor Menezes”. O gordo insinuou um sorriso: “São os percalços da idade...” E, por sua vez, ficou a saborear a palavra “percalços”.

Na tarde seguinte, surgido da pequena multidão que vinha da Felipe Schmidt, o gordo chegou ao Jardim e não viu o magro sentado em seu banco. “Foi ao médico, com certeza”, disse consigo e continuou a perambular pelas ruas, um tanto desnortado, juntando-se a outras pessoas naquele dia quente e movimentado de meados de janeiro. O amigo entretanto não apareceu no segundo, no terceiro, nem no décimo dia. Duas semanas foram o suficiente para que o gordo enfim compreendesse que o magro não viria mais. Uma certeza nascida definitiva, a pesar absoluta sobre o espírito. A partir desse instante caminhou sem destino, feito um autômato, durante o resto da tarde, o cérebro vazio diante dos pensamentos em tumulto. Depois, entrou num bar e pediu uma bebida. Antes de levar o copo aos lábios, derramou no chão parte do conteúdo. “Para a alma daquele cara de coruja dos infernos”, murmurou, como se rezasse.

PORCELANAS

A morte do primeiro gato trouxe-lhe a tristeza por muitas horas. Ela caminhava pelas salas de amplos janelões de vidro e múltiplas folhagens coloridas, pisava os degraus de mármore da escadaria e as pernas longas, elásticas, não tinham a mesma leveza de antes. Nem os olhos, embora claros, eram lúcidos como ontem. Sempre estranha e impiedosa, a morte levara de súbito e sem causa explicável a Marduk, o gato persa de pelo rosado e brilhante, que ela se habituara a aconchegar no colo diáfano, quando então as mãos acariciavam o corpo felino com dedos esquecidos de cuidados.

Sepultou-o no jardim cheio de árvores gigantes e palmeiras afiladas. Mandou erguer um pequeno jazigo retangular, no qual se podiam ver as letras esculpidas que diziam “Marduk” e sobre o qual uma imagem de louça nacarada reproduzia em dimensões menores a lembrança do bichano. Mesmo depois, quando adotou Erech, o gato da Birmânia, de pelugem azulada, tendo manchas escuras como sombras inquietas, ela não deixou de frequentar o jardim e admirar pensativamente o jazigo. Erech deslizava pelos espaços possíveis das salas como uma implacável advertência de olhos flamejantes.

Muitas vezes, com um estremecimento, ela o surpreendia a espreitá-la, pousado no alto de uma cômoda, num silêncio tecido de cautela. Como se pressentisse os inexplicáveis e soturnos pensamentos que começavam a brotar quais minúsculas aranhas. Enfim, ela um dia encontrou-o morto e, sem a mesma tristeza de antes, apressou-se a enterrá-lo no jardim, ao

lado de Marduk. Levantou-se novo jazigo, as letras de Erech foram gravadas e um pequeno símile de porcelana azulada recordava-lhe a imagem.

Era ali, todas as manhãs, que ele vinha contemplar os tênues segredos de seu coração. O rosto perfeito e frágil podia no entanto sustentar o olhar de promessas e esperanças que se dirigia às duas miniaturas de louça sobre os jazigos. Tantas árvores gigantes, tantas palmeiras circunscriviam de augúrios e de paz o seu espírito, como numa pecaminosa oração.

No entanto, procurou adiar durante algum tempo os secretos impulsos que tornavam tão ansiosos os pensamentos. Aquela sensação quase incontida de uma sinfonia em andamento, com os seus acordes belos mas ainda insuficientes. Até que lhe trouxeram Kish, um gatinho pequeno e inocente, de pelos macios, amarelo-laranja e estrias transversais esbranquiçadas. Kish, de origem vulgar, mas gracioso e terno. De olhar doce. Por isso foram dias de entrega e carícias desveladas. Iam juntos pelas salas de amplos janelões de vidro e múltiplas folhagens coloridas. Kish aninhado ao colo diáfano como um pássaro desarmado.

E então, enquanto os dedos longos e nervosos desenhavam canções suaves sobre a pelugem, vinha nascendo aquele sentimento de descoberta de uma nova peça para a beleza de uma composição imaginada. Uma irreprimível vibração, que se acentuava sempre. E os dedos longos e nervosos, seguindo as ordens de uma força imponderável, esquadrinhavam cada saliência daquele dorso macio, anelavam as reentrâncias frágeis do pescoço, sempre na busca de algum mistério, talvez um ponto vital que pudesse transformar a carne tépida em porcelana.

UM NOME: MARINA

Eu me chamo Marina e este nome sempre soou em meus ouvidos como ferro em brasa queimando a carne de uma potra selvagem. Na infância, meu pai sentava-me em seus joelhos, me aflagava em carícias e dizia com a voz tão rude: “Minha filhinha Marina”. Na adolescência, eu corria descalça pelas ruas soltando as pernas morenas e os rapazes voltavam os seus olhos brilhantes para a minha figura de corça tresmalhada e gritavam: “Oi, Marina!”

Os meus sonhos de amor eram povoados de florestas mágicas, onde seres fantásticos me envolviam em danças rituais coloridas por fogos de artifício. Mãos enérgicas, mas suaves, tomavam-me pelos braços e eu sentia a palpitação estonteante de uma vertigem, que aniquilava os meus sentidos. “Marina”, disse-me o primeiro namorado, com voz trêmula de inibição ou timidez, e eu fiz com que ele aprendesse todas as letras da paixão.

Aos 19 anos, um rapaz magro e forte levou-me à garupa de uma moto para o ninho acanhado e pobre de um conjunto habitacional. Foram dez dias longos de delírio, de penumbra e de palavras quentes. Depois esfreguei o chão, cozinhei, preendi cortinas nas janelas, lavei roupas num tanque. Ao crepúsculo de certa tarde de setembro, vi flocos de nuvens azuladas juntarem-se inconsequentes ao redor de uma claridade poderosa e avermelhada no horizonte sobre o mar. Era um sinal e eu precisei dizer:

“Eu me chamo Marina”. Então desprendi os cabelos e, em chinelos como estava, saí pela porta da frente para nunca mais voltar.

Gosto de campinas abertas, amo a folha que flutua no ar, desgarrada da árvore. Ah, essa insensatez de todas as pessoas condicionadas por palavras e símbolos que não são amor nem liberdade!

Aos 23 anos, tive um sonho: eu era eu mesma, porém mais esguia, o rosto mais magro e maduro. Podia ver a beleza em minha pele, mas a vida de meus olhos se mesclava a um verde mais profundo, como um acorde nostálgico ou melancólico em meio a uma canção agreste. Ou como as palavras de um poema que, um dia, uma voz amiga me declamara:

*Eu não dei por esta mudança
tão simples, tão certa, tão fácil:
Em que espelho ficou perdida
a minha face?*

“Não!”, eu gritava, “Isto não poderá acontecer!” E com um gesto brusco destruí o sonho, que se partiu em círculos a minha volta.

E quando os dias se passaram um homem que eu não amava se apaixonou por mim. Era sólido, era rico, era louco e possessivo. Tinha voz de comando e olhar desvairado. Fiscalizava os meus passos, levantava cercas nos caminhos, sabia o que era o certo e o errado, rezava a um Deus cego pelas manhãs, dava socos sobre a mesa, impunha disciplina, emprestava dinheiro a juros, fazia ginástica sueca, administrava os bens, sua fé removia montanhas, via televisão mastigando pipocas, falava da ordem e do progresso, sempre se saía ileso, não bebia e

não fumava, nem comprava nabos em sacos, investia na indústria, tinha medo de tempestade, rolava as dívidas, seguia princípios e normas, lia os jornais em pijamas, era astuto qual raposa, não levava desaforos para casa, aspirava à gerência da Empresa.

“Eu te quero, Marina; e nada vai impedir a realização do meu desejo”, disse-me ele com a sua enfadonha voz autoritária.

Na noite em que armou o laço incontornável do nosso casamento, fugi da festa e dancei nua e bêbada sobre a mesa de uma boate. À saída, ele me esperava, em suas mãos rebrilhando a lâmina de um punhal.

“Eu me chamo Marina!”, gritei para ele, com a voz rouca, antes que a noite se desmanchasse completamente no sangue da madrugada.

O VELHINHO DAS TROVAS

Teimo em sonhar com o velhinho das trovas. O tempo dando um salto para trás. Década de quarenta, a voz do pai: “No fundo, torce para a Alemanha. Ele é integralista.”

– Você se lembra desta? – falava no sonho uma voz vaga e familiar. Recitava:

*Quando correndo na rua
O vento é mui divertido;
Aos homens leva o chapéu
Às damas ergue o vestido.*

Era do repertório do velhinho. Baixote, calmo, os olhos de um azul aguado, os cabelos brancos cortados rente ao crânio. Colecionava trovas de almanaques, de revistas, de seções domingueiras de jornais. Copiava-as a mão num livro grosso, as folhas tracejadas em linhas vermelhas tal como um livro diário de contabilidade. Morando na vizinhança, aparecia lá em casa à noite para ouvir o noticiário da Guerra no aparelho de rádio Philco de meu pai. Vinha calçando sandálias. A barriguinha proeminente avultava da calça de brim.

– E desta outra, lembra? – ainda, no sonho, a figura vaga e familiar:

*Chove, chove, chove muito
Chove chuva miudinha;
Se chover na tua cama
Podes vir deitar na minha.*

O velhote recitava as trovas de seu repertório interminável, sentado na poltrona de nossa sala. Muitas vezes ria dos versos que ia dizendo, uma risadinha contida, discreto palpar dos músculos da barriga, os olhos semicerrados, os lábios entreabertos deixando escapar um “chst, chst, chsdt”, sempre depois que declamava:

*Uma velha muito velha
De tão velha se envervou;
Fui falar em casamento
E a velha se endireitou.*

Que se sabia mais sobre ele? Além das suas crenças em Deus, na Pátria e na Família, informações nebulosas que se diluem no tempo. Era viúvo e morava com a filha feiosa, em casa modesta da nossa vizinhança. Tinha um filho internado na Colônia Santana por alcoolismo, ao qual ia visitar uma vez por semana. Dessas visitas costumava repetir a anedota que um médico lhe contara: um louco girava dias inteiros no pátio do hospício, sempre no mesmo sentido da direita para a esquerda. Certa vez, alguém intrigado com o fato resolveu indagar por que ele não girava nunca no sentido contrário, isto é, da esquerda para a direita. O louco respondeu: “Se eu fizer isso, vai desatarraxar o umbigo e cair a bunda.” O velhinho das trovas ria, “chst, chst, chst”, e repisava: “Ora, vejam só; ora, vejam só! Desatarraxar o umbigo e cair a bunda! Chst, chst, chst!”

Mas quando foi que o vimos na praça do comício? É difícil estabelecer datas num sonho. Lá no amplo espaço aberto, denominado Largo Fagundes, aquela estranha multidão de homens vestindo camisas verdes. Multidão inquieta e enérgica, a pontuar “vivas!” e aplausos

levantando os braços e gritando “Anauê!” Discursos ecoavam por toda a praça através de alto-falantes. Propagavam conceitos de autoridade e de moralidade políticas; denunciavam a “fraqueza” dos então ocupantes do poder nacional; instigavam à formação de milícias para a vigília e a defesa de um ideal cristão, refratário tanto ao liberalismo corrupto que eles afirmavam ser praticado, como também ao socialismo degenerado pelas hostes bestiais do comunismo soviético. E quem estava lá, no meio daquela gente? Perfilado em seu uniforme verde, o semblante transfigurado de entusiasmo e determinação, lá também se encontrava o velhinho das trovas.

Agito-me no sonho. Não é esse o velhinho que conheço. Tento imaginá-lo de novo, ausente dessas manifestações sempre mentirosas e inúteis e repletas de sujeitos ansiosos de poder. Imagino-o sentadinho na poltrona de minha casa, usando sandálias, a barriguinha proeminente. Mas é a voz da figura vaga e familiar, que nunca se identifica, quem diz:

*O sonho que a gente tece
É como a onda do mar;
Imenso quando aparece
Desfaz-se em nada ao chegar.*

Sem dúvida, era do repertório do velhinho.

CANÁRIO DE ASSOPIO

Negra abriu a porta dos fundos da casa para o quintal, avançou a cabeça de carapinha rente ao crânio contra o vento, abriu os olhos vivos, riu, gritou:

– Ainda está na rua! Ainda está ali, na parede!

Espiei sobre o ombro de Negra, chicotada de vento nos olhos, respiração afogada no vento.

– Vai lá, apanha ela! Traz pra dentro de casa! – gritei, na impaciência, comendo vento.

Negra foi, cria-criada. As pernas compridas, coxas finas, correram no vento, voltaram, ágeis; as mãos traziam a gaiola de bambu, dentro dela a pequena mancha verde, bolinho de penas mansas arrepiadas de frio.

Passarinho de banana, que chamávamos de “canário de assobio”. Um chão de gaiola forrado de papel, com a variedade de minúsculas dunas amarelas de cocô.

– Limpa a gaiola, Negra!

Levantavam-se as varetas; mão desastrada de Negra puxando a semibanana bicada, roída, pontilhada de sementinhas pretas; virava o canequinho de água, o canário verde-azul em rodopio de susto, ser em angústia, batendo-se, batendo-se, que descansava aterrorizado por fração de momentos sobre o poleiro, o coração pulsando, bico ofegante, para continuar o desvario. Na lembrança: ele.

Aos poucos, de tanto a gente olhar, dias de sol, de sombra, de chuva, ia tomando para o nosso sentimento uma outra configuração. Eram os movimentos mesmos no espaço limitado da gaiola, individualizantes, que

determinavam o nascer (ou fixar-se) das pequenas características; o modo de abaixar-se no poleiro, como que assustado, entreabrindo as asas; a recusa de mergulhar no canequinho de água, quando tomava banho, apenas bicando de leve a água, pousado na borda da vasilha, daí então alisando as penas; o encolher-se e arrepiar-se a um canto determinado do chão da gaiola nos dias de vento e frio. Negra e eu anotávamos dentro de nós mesmos esses e outros pequenos movimentos e atitudes quando horas inteiras, do quintal, pregávamos os olhos na gaiola, meio que enternecidos, conquistados pelo diminuto ser, que assumia inadvertidamente a condição de polarizador daquele complexo de sentimentos mágicos, intensos e misteriosos da infância.

– Espia, ele começa a dobrar!

– Ele está chamando, ele está chamando!

O pensamento constante acordava-me por vezes no meio da noite com a angustiada preocupação: “Ele ficou na rua!” No escuro do quarto eu maldizia Negra pelo esquecimento estúpido e imperdoável. Levantava descalço, precipitava-me até a cozinha, acendia a luz. A gaiola estava lá, no prego da parede, o canário com a cabeça sob uma asa, transformado num novelinho verde de lã e o sossego voltava ao meu coração.

Mas, ao certo, muitos desses acontecimentos se gravaram na memória pela repetição. Impossível afirmar a data de qualquer um deles; existiu apenas um tempo, um tempo indeterminado, lá pelos meus 8 ou 9 anos talvez, que se constituiu de semanas e meses, quantos ao todo não sei. Chego a pensar que se teriam perdido para sempre em meio a tantos outros acontecimentos não lembrados, não fosse... Bem, foi um acontecimento

banal, previsível que, é preciso dizer, já eu mesmo sofrera muitas vezes no espírito por antecipação.

–Limpa a gaiola, Negra!

Era a sentença de quase todos os dias, obedecida com displicência, quase sempre com estouvamento. As mãos desastradas de Negra levantavam as varetas de bambu da gaiola, buscavam desajeitadas o canequinho de água, trocavam os papéis que vinham pintados de cocô.

– Olha só como ele é arisco! – ria-se ela, jogando para trás a cabeça, mostrando todos os dentes.

As mãos de Negra estalavam os dedos, batiam espalmadas sobre os lados da gaiola; o canário se debatia frenético, esbarrava nos poleiros, procurava com desespero os vãos entre as varetas, forçava entre eles, para fora da gaiola, a cabeça de pequeninos olhos aterrorizados.

Inevitável que um dia as risadas de Negra cessassem. Súbito os olhos de Negra se arredondaram, arregalados e sérios, o rosto ficou mais comprido e pálido, de boca aberta, transformado numa máscara de perplexidade e susto. De repente, num curto instante de distração, estava a gaiola vazia. Num curto instante de distração, quebrado pela momentânea e pequena sombra indistinta que se projetava para as árvores e que num relance, antes que chegássemos a compreender o acontecido, já sabíamos do que se tratava.

O canário desapareceu, camuflado nas folhas verdes de tantas árvores. De nada adiantou que cheios de ansiedade corrêssemos para um lado e outro no quintal, imitando por assobios o seu chamado. Ficávamos também agachados sob as árvores, silenciosos, tensos,

concentrados nos mais leves movimentos das folhas, a imaginar vê-lo a qualquer momento. “Ele vai aparecer agora”, pensávamos, com a intensidade de uma prece, o coração quase estalando de esperança. “Vou contar até dez, ele vai aparecer”. De nada adiantou. O canário não voltou mais.

Tínhamos armado um alçapão com banana que ficou alguns dias sobre a gaiola pendurada no galho de uma pitangueira, inutilmente. Durante esses dias teimávamos em acreditar que o pássaro regressaria. Negra, safada, gritou numa ocasião do quintal:

– Vem ver, ele está de volta, na pitangueira!

Corri em sobressalto para o quintal. Negra se dobrou de rir:

– É mentira! É mentira!

Olhei desencantado para as árvores tranquilas cujas folhas refletiam o primeiro sol da manhã. Lá para trás, longe, o mar calmo parecia mais largo e profundo, manchado que estava por uma enorme faixa de sombra negro-azulada.

♦ RELATOS ESCOLHIDOS (1998) ♦

O OLHO DE DEUS

Caríssimos efebos,

é possível que no efêmero (ou afásico?) de vossas juventudes não sintais o cinturão opressivo que vos envolve. Podeis acaso notar a desagregação gradativa - ou a gradação desagregadora - dos valores que ainda há poucos anos acreditáveis estáveis? Ou não estáveis conscientes disso? Pois é. A violência e a corrupção abundam (e barafundam), de modo que descobrir-lhes as verdadeiras causas é penetrar num esconso labirinto. Serão - para estabelecer um raciocínio preliminar - serão reminiscências (rei-eminências, reimprudências) de tantas esclerofilias históricas empedradas por figuras prototípicas, em desenvolvimentos seculares, com ramificações à direita e à esquerda, quando sempre ressurgem velhos traumas de dominação de minorias guerreiras e/ou elitistas? Acontecem então mortes, ou torturas, terror nos espíritos, inércias mentais, merdificações institucionais, mentiras públicas deslavadas, etc. etc., em nome de que mesmo? Mas por que falar dessas coisas? Em qualquer livraria encontrareis tentativas as mais diversificadas de rastreamento de todas essas coisas, que vos darão uma satisfação científica de que pelo menos julgais saber o que de fato acontece.

Quero nesta espécie de epístola somente alertar-vos para que, no vosso provável desespero, ou na vossa possível inconsciência, não vos deixeis cair em tentação, nem imiteis a este que vos escreve, que desviou as suas

angústias para os caminhos alienados e não alinhados das noites florianopolitanas (Floriano/politanas), floreando e flanando de automóvel pelas ruas estreitas e desterradas da urbe, em busca de úberes, uísques nacionais, ruídos de discotecas em recintos fechados, *striptease*, esquecimento entre seios e coxas alugados. Tudo porque após um dia sórdido no departamento financeiro-contábil de uma instituição pública, a livrar a cara de diretores através (e sem entraves) de jogadas mais ou menos brilhantes com diárias, ajudas de custo, investimentos frios e outros expedientes, para ludibriar as igualmente dúbias exigências de um Tribunal de Contas, depois de tudo - e ao final das contas -, este epistolista (epistoleiro) olhava o rosto sadio diante do espelho, enquanto passava a escova pelos cabelos e dizia de si para consigo: “enfim, tudo está podre nos reinos da Dinha Marta”, que afinal era mesmo dindinha Marta, sua dele madrinha, já entregue aos cuidados de Deus. Então saía para a noite e se perdia em mil encontros. Coisas acontecidas há alguns anos, meados talvez dos anos 80.

Não quero entretanto descrever-vos tantos detalhes. Prefiro conduzir a minha acovardada insatisfação da vida para certa noite fútil de alegria etílica, quando adentrei errático ou errei adentrático pelo melancólico salão quase vazio de uma boate, a exibir à entrada um luminoso fosco e mal iluminante, que no entanto coloria com os seus reflexos intermitentes acanhada área da sombria ruela transversal. *Sandália de Prata* soletrava o luminoso, lâmpada por lâmpada, com o aval logo abaixo do cartaz vermelho de letras brancas: Beba Coca-Cola. Porra, precisaríeis ver o senhor garçom que lá servia (que lá se via), de calças pretas, paletó branco, gravatinha

borboleta, a desfilar no palco vazio. Era o próprio Tarzan Rei dos Macacos, atlético loiro de olhos azuis, perdido entre as paredes de um chalé em plena cidade de Floriano. E que finura de trato, que delicadeza! Perfilava-se diante da mesinha, o braço direito expectante formando um ângulo de noventa graus com o antebraço, do qual pendia um impecável alvo guardanapo. Curvava o tronco desmesurado numa mesura e dizia: “Está servido?”

Aospoucos, no entanto, foram os olhos atravessando a penumbra espúria, aquelas equívocas e esquivas luzes pisca-piscantes de lâmpadas pintadas de verde, azul, vermelho, abafadas em caixas prismáticas enfeitadas com tirinhas coloridas de celofane, e conseguindo vislumbrar o estreito balcão com tamboretas, frente à prateleira de bebidas servidas por uma velhota gordalhufa de rosto caiado e boca rubra de batom. Espelhos cobriam as paredes, multiplicando-as. Reproduziam a boate dentro da boate, os divãs ou poltronas alinhados ao longo das paredes atrás das mesinhas baixas com pequenos cinzeiros redondos de vidro, o salão em L deitado, em cuja perninha menor eu me situava, dando de cara comigo mesmo ali no espelho defrente. E era um tanto assustador ver-me, provável verme, naqueles espelhos, em imagens próximas ou distantes, a cada movimento da cabeça e do olhar; algo se inquietava dentro de mim numa condenação indefinida e absurda, semelhante à sensação de um valor que foi perdido, sugerindo à memória vagas erupções de momentos promissores desfeitos. Devo confessar o meu pavor aos espelhos desde que me tornei adulto e irresponsável. Mas eis que de repente, talvez em minha homenagem, tudo foi invadido pela conspícua e arrasadora potência de voz que cantava “Bo-êê-mia,

aqui me tens de regresso”. Quem mais poderia ser, a não ser Nelson Gonçalves trepidando os alto-falantes por debaixo das poltronas?

“Amizadinha, acá no hay mujeres?”, caprichei o meu rico portunhol de simulado turista. Dissimulado chiste.

Imperturbável, Tarzan dos Macacos estendeu o braço esquerdo numa ponderada meia-volta e olhou o relógio de pulso.

“O movimento maior é às sextas-feiras, senhor” (pombas, eu/nós estávamos numa terça e ele disse mesmo “senhor”), “mas a Nádía e a Madalena costumam vir sempre por esta hora, não devem demorar.”

Pois, caríssimos efebos, foi a Nádía negra, a Naja de ébano, vestida num colante sedoso estampado quem surgiu coleante, pisando desenvolta o chão com as sandálias prateadas, voltando a cabecinha sorridente e ágil para um lado e outro como se desfilasse numa passarela, a exhibir a peruca brilhante de cabelos lisos e negros, beijando álacre a velhota gordalhufa por cima do balcão, “como vais, querida?”, atirando um alô íntimo para Tarzan dos Macacos, vindo na minha direção com a jovialidade confiante das musas conquistadoras da noite. Uma dádiva, sem dúvida. A boate era toda nossa.

Sentou-se ao meu lado na poltrona revestida de couro com a displicência de quem é única e sem concorrentes, disse “eu sou a Nádía” e perguntou o meu nome, eu disse “eu sou o Paulo” e ela apanhou um cigarro do maço sobre a mesinha, levou-o aos lábios, esperou que eu o acendesse e disse “é um nome bonito”, e eu disse que Nádía também era um nome bonito e acendi com o meu isqueiro o seu cigarro e começamos a desfiar uma

série de frases introdutórias e banais, enquanto Tarzan dos Macacos trazia sempre mais bebida e enquanto nos aproximávamos gradativamente numa intimidade de toques de ombros, de braços, de mãos, de coxa contra coxa. E no decurso das horas, Nelson Gonçalves estrugiu novamente, Roberto Carlos fornicou pelo café da manhã, Betânia e Rita Lee diversificaram as tendências da mpb, Julio Iglesias romantizou aveludado: *as vezes tu, as vezes yo*, enquanto eu ficava cada vez mais de porre e Nádia negra começava a ficar mais alegrinha e aconchegante e ríamos conversando mil bobagens e nos beijávamos na boca e eu a puxava pelo pescoço e ela inclinava o corpo sobre o meu peito e deitava a cabeça sobre os meus ombros e eu enfiava a mão pelo decote e empalmava os seus seios e ela baixava o decote e eu ficava a olhar as duas joias negras empinadinhas e lisas que saltavam do decote e passava a língua nos botõezinhos cor de chocolate e ela ria sentindo cócegas, a gente ria e Tarzan dos Macacos se aproximava fleumático e perguntava “está servido?” como se nada estivesse acontecendo e eu repetia na cara dele fazendo uma vênica para a Naja negra: “está servida?”, trazendo a mão dela para cima de um volume que latejava sob minha calça (o vingador das crises existenciais, o motor de arranque do inconsciente) e ela o acariciava com os dedos por cima da fazenda já manchada num círculo amarelado e a gente ria e Tarzan dos Macacos se afastava impassível e trazia mais bebida.

Deveis, amigos efebos, estar enojados (ou não?) do vil comportamento deste servidor público nessa casa de luxúria. Se vos escrevo deste modo é para saberdes o chão em que pisais no vosso tempo e não confieis sem mais aquela nas falsas aparências dos funcionários

burocráticos. E vos digo ainda mais: eu me levantara para ir mijar num banheiro acanhado, úmido, infecto; na volta deparei com Naja negra só de calcinha e de pé, diante de um espelho, a fazer trejeitos, rebolando os quadris, admirando extasiada os movimentos do próprio corpo nos espelhos múltiplos da boate. “Pra que a calcinha?” eu disse também extasiado e ela, ágil, tirou a calcinha. Uma pantera de pele brilhante, de dentes brancos brilhantes, que não estava nesse momento interessada em mim, que na verdade jamais esteve interessada em mim, mas nela própria, no patrimônio que ela possuía e usava, na radiante energia interior com que ela enfrentava o duro cotidiano e que era a sua força de trabalho, ela mesma envolvida na trama de entrega constante a homens aleatórios e ela mesma aprendendo técnicas de vitalidade e sedução que a induziam cada vez mais a amar a si mesma como produto das boates, mercadoria desejada, ainda consciente do seu talento no livre jogo de mercado. E eu era apenas mais um cidadão-demanda, depravado e irresponsável como todos os outros, que apoiava eufórico e borracho as mãos espalmadas sobre aquela bunda lisa linda nua toda requebrante ao som da música, a imitar o frenético balanceio das passistas de escola de samba. E ela fremia o corpo trepidando os seios e girava a cabeça para trás com os olhos semicerrados e a boca entreaberta num sorriso adormecido, a bundinha espichada a se requebrar oferecida:

*Brasil, meu Brasil brasileiro,
meu mulato inzoneiro,
vou cantar-te nos meus versos...*

os braços levantados suspensos no ar mostrando as axilas depiladas.

Mas chega, chega, chega! Era madrugada quando saímos da boate. O cansaço, aquele torpor e tristeza interiores que prenunciavam sempre neste desonesto contabilista a lucidez de um dia sem crédito, começavam a se fazer sentir por todo o corpo.

“É isso aí mesmo, senhor!”, dissera há poucos instantes Tarzan dos Macacos, agora com voz fria e inflexível, quando ameacei protestar contra o altíssimo da conta. Num silêncio acovardado, preenchi o cheque.

“Apareça sempre que quiser, senhor”, disse ele. Uma gozação, sem dúvida. Uma degenerada e irresponsável gozação. Sim, Tarzan dos Macacos era agora o Rei das Florestas Noturnas e parecia soltar o seu grito de vitória – ôôôuuuôôô –, batendo com os punhos no peito e pisando o pé direito sobre a cabeça do leão morto.

A velhota dormia sentada em seu canto, a cabeça entre os braços debruçados sobre o balcão do bar. Naja negra não era mais Naja negra, era uma negra sonolenta que me abraçava os ombros e falava com a língua meio enrolada e suplicante “me leva pra casa, né benzinho, vais me levar de carro pra casa, né benzinho?”

Tudo bem, tudo certo; são os acidentes previsíveis da noite. Depois disso o carro arrancou e seguiu como barata tonta pela ruela de lajotas úmidas da madrugada e atravessamos a Ponte e ganhamos o asfalto da BR-101. Casas e edifícios em sequência de ambos os lados da BR estavam fechados e silenciosos, mas algumas sombras, provavelmente operários, balconistas ou garçonetes, no caminho de espera de algum ônibus, movimentavam-se pelos acostamentos.

E assim, caríssimos efebos, Nádía negra e eu, duas tresnoitadas criaturas, corríamos em direção ao fim de uma promissora mas frustrada história de amor na cidade de Florianópolis. Deixei-a a dez quilômetros do centro da cidade, depois de retalhar palmo a palmo o labirinto anguloso de ruelas de um Conjunto Habitacional com a sua neurose desnorteante de infundáveis casinholas padronizadas, até chegarmos ao sopé de um barranco sobre o qual, numa extensa platibanda, espalhavam-se em desordem barracões quadrangulares de tábuas velhas e escuras. Um deles seria certamente o palácio da deusa.

Nádía me beijou o rosto em despedida, perguntou se eu podia descolar uma grana, “se não puder, benzinho, tudo bem”; eu descolei de puro cansaço e ela me beijou mais uma vez o rosto e disse que tinha sido uma noite muito legal e que agora podia comprar o material do garoto e eu perguntei que garoto era aquele e ela disse que era o filho de 3 anos que começava a frequentar a Escola Maternal e eu disse “ah, sim!” e ela disse que eu já sabia onde ela morava e podia aparecer quando quisesse “sempre à tarde que o garoto está na Maternal” e eu disse bocejando que estava certo, eu ia aparecer um dia desses, sabendo que uma volta àquele local estava fora de qualquer cogitação e ela disse “mas apareça mesmo, pra gente fazer um amorzinho legal”. Daí me beijou a terceira vez como uma artista de telenovela e saltou do carro e ficou ali parada ao pé do barranco no seu colante estampado de princesa, dando adeusinho com a mão direita no ar, enquanto eu arrancava apressado e sumia pelas vielas do labirinto.

E tomei o rumo para o centro da cidade. Estava zonzinho de sono, o estômago enjoado dava reviravoltas e eu

fazia esforços para conter o que parecia impossível de ser contido. Era sem dúvida impossível. Estacionei o carro às pressas à beira do meio-fio e corri em ânsias, os olhos nublados por úmido véu, a mão esquerda tapando a boca, na direção de um muro entre duas casas, sobre a calçada. E o vômito então jorrou liberto, golfadas de puro líquido em espumosa fermentação e o corpo, arqueado, trêmulo, sacudia-se em arrancos dolorosos como se as próprias vísceras quisessem também ser expelidas.

Lágrimas escorriam pelo rosto, que eu sabia pálido e transfigurado, quando tudo acabou e levantei a cabeça. Enxuguei-as com o lenço, respirando fundo, enquanto olhava apreensivo ao redor. A rua continuava a bem dizer deserta naquele fim de madrugada, mas lá adiante, para além do cordão de casas junto da outra calçada, lá estavam o mar tranquilo da Baía Norte e a velha Ponte Hercílio Luz. O céu começava a clarear com os primeiros reflexos indiretos de um sol ainda oculto atrás de morros e delgados tufos mosqueados de nuvens distribuíam-se pela superfície. Foi quando vi o olho de Deus. Não tive dúvidas de que era ele, com a sua carga de ansiedade ancestral. Mal se dissimulava abaixo de uma sobancelha de nuvem, ponto de claridade mais forte no desmaiado firmamento. Lá estava ele, o olho de Deus, olhando para mim e para toda a criação. “À quem interessa o crime?”, parecia indagar, como os astutos detetives das histórias policiais, que sabem ser o interesse a mais evidente e perturbadora força real da nossa animalidade humana.

Era uma visão louca e sublime demais para um abjeto funcionário. Mereceria uma música de fundo, lenta, solene, camerística, um *Heiliger Dankgesang* beethoveniano, talvez. Quem sabe, não? Quem sabe

uma descida dos céus de dois anjinhos rechonchudos e rafaescos, dois anjinhos nada cabalísticos que descessem pelo ar, lado a lado, sustentando entre eles um pergaminho com os dizeres:

ARREIMATE

Porque as coisas que estes homens praticam secretamente, é vergonhoso até falar delas. Mas tudo isso, uma vez manifesto na luz, fica a descoberto e tudo que é descoberto é luz. Paulo de Tarso, Efésios, 5:12

UMA VOZ ABAFADA

Alguém caminhando preocupado pelas ruas da Ilha, sempre mais pontilhadas de rostos estranhos. Alguém que tivesse dentro de si uma quantidade suficiente de diminutas tensões como ferruginosas manchas líquidas nas águas de um poço. Que olhasse frequentemente o relógio de pulso com a ansiedade neutra dos compromissados; que ignorasse ou simplesmente não visse a movimentação do trânsito ou o cruzar incessante de tantas pessoas de vidas estanques, saindo e entrando por todas as portas, percorrendo as calçadas, tagarelando nas esquinas, sentando-se pensativas ou apáticas nos bancos das praças, sob árvores implacáveis. Sem dúvida poderia esse alguém ouvir de repente uma voz surda, abafada, a extravasar um apelo como o som preso no oco de um búzio: “Socorro! Socorro!”

Então esse alguém deveria parar e olhar em volta, na procura de algo inusitado e perceber que afinal os sentidos estavam libertos. Sim, poderia acontecer que nada ou ninguém ali próximo estivesse na verdade a precisar de auxílio, que a rotina do dia continuasse imutável na sua aparente desagregação, tal um imenso tecido permanentemente corroído por infinitos microrganismos. Mas a surpresa, ou a confusão, causada por aquela voz sem identidade, certamente levantaria no interior desse alguém vagas apreensões, da mesma forma como se ouvisse, numa sala escura e deserta, pisadas leves e furtivas de pés descalços sobre o tapete.

“Socorro! Socorro!” – uma sugestão imprevista e fria de acontecimentos cruéis ou injustos que pairavam no ar, em círculos distantes dos interesses imediatos, mas que emitiam os seus fluidos de inquietação e exigiam responsabilidades, como garras que sufocassem a vida de mil seres.

Então esse alguém possivelmente despertasse para uma dimensão maior e pudesse ver uma esperança comum – uma fina e delgada rede de esperança comum –, naquela multiplicidade de vidas que se cruzavam nas ruas e nas praças. E pudesse também, a partir daí, imaginar uma sequência de pequenas multidões nos campos, nas fábricas, nas minas, nos escritórios, em infinitas áreas da terra e do mar, todas vivendo, morrendo, comendo, respirando, reproduzindo-se na invisível teia dessa imponderável esperança comum.

Deveria ele – o alguém – então caminhar mais apressado na tarde conquistada, guardando nos olhos o fulgor tão novo, que reproduzia a vibração nervosa da sua carne. E recordar que os sentimentos que o assaltavam de modo tão súbito eram incompreensíveis, talvez insolúveis, mas necessários, como pássaros de fogo sobre um mar tranquilo.

E poderia repetir em silêncio para consigo de maneira prosaica os versos de Eliot, como um lembrete dirigido a sua ilusória individualidade: “Quem é o outro que sempre anda a teu lado? Quando faço a soma, somos apenas dois, lado a lado, mas se ergo os olhos e diviso a branca estrada, há sempre um outro que a teu lado vaga, a esgueirar-se envolto sob um manto escuro, encapuzado. Não sei se de homem ou de mulher se trata, mas quem é esse que te segue do outro lado?”

E chegaria à noite, o alguém, em casa. E jantaria silencioso e distante, com o espírito suspenso num quadro inexistente da parede. E quando dormissem todos os habitantes da casa, examinaria frente ao espelho uma cabeça inquieta e translúcida, que ressaltava na garganta uma diminuta esfera branca, parecendo ser um novelinho de voz surda e abafada.

O ÁLBUM DE CENINHAS

Que fim levou ele?

Estávamos na saleta de visitas de minha casa, bebíamos um uisquinho amigo e lembrávamos os tempos de garotos, tão remotos quanto os anos iniciais da década de quarenta. Há mais ou menos trinta que não nos víamos. Depois de formado em direito ele fora advogar numa cidadezinha do oeste catarinense, por lá se casou, ingressou na política, se estabeleceu. Agora estava ali, de passagem por Florianópolis numa convenção do partido e resolveu visitar o velho “amigo do Zorro”. Pois ele tinha sido o Zorro de nossa rua, com cinturão, cartucheira e revólver de brinquedo, além da capa e meia-máscara negras, naqueles tempos heroicos em que frequentávamos os seriados e *westerns* do Cine Imperial.

- Não sei - respondi. A última vez que o vi, e isto há mais de vinte anos, ele era balconista de uma loja de ferragens.

Íamos enturmados para as sessões dominicais vespertinas do Imperial: você, eu, Tatá, Marreco, Gervásio, o negro Pudino, Elizete, Alzirinha. Aquelas sessões barulhentas, onde se gritava, ria, batia-se com os pés no assoalho, assobiava-se e, por muitas horas, assistia-se a um noticioso chamado de Complemento Nacional, a um desenho de animação, dois longas e um capítulo de seriado. Os dias da semana eram dedicados às nossas quadrilhas. Provocávamos as turmas de outras ruas, muitas vezes o pau quebrava para valer. Mas o Zorro sempre foi o líder incontestável de nós todos.

O Rafael só surgiu mais tarde. Pouca coisa mais velho que nós, dirigiu para outra direção os nossos interesses. Foi quando começamos a usar o rancho...

- Você sabe, aquele rancho de madeira que havia nos fundos do quintal de minha casa, onde projetávamos os fotogramas de filmes. Lembra dele?

- Claro, claro! Aliás, por causa desses fotogramas...

Havíamos feito um orifício retangular na parede do rancho, exatamente na medida dos fotogramas que, na época, chamávamos de *ceninhas*. Encaixávamos uma ceninha no orifício, dirigíamos sobre ela os reflexos do sol de um espelho colocado sobre uma cadeira no quintal e, dentro do rancho fechado, projetávamos a imagem com uma lente de aumento sobre um lençol estendido, preso na parede oposta. As ceninhas eram trazidas pelo Rafael, que era primo do Valdir, operador de projeções do Cine Odeon. E ali ficávamos, agrupados na penumbra, sentados em caixotes vazios de sabão, enquanto Rafael projetava os seus fotogramas selecionados, a olhar aqueles fragmentos de um universo fantástico, visceralmente diverso do nosso, povoado de heróis que havíamos aprendido a venerar: Buster Crabb, o *Flash Gordon*; William (Hopalong Cassidy) Boyd; Johny Weissmüller e Maureen O'Sullivan nos filmes de Tarzan; John Hall, beduíno cavalgando no deserto ou selvagem de tanga, atlético, cabelos ondulados, em *Ao sul de Pago-Pago*; Charles Starret ou Bob Steele, Dorothy Lamour, Mickey Rooney ou Shirley Temple.

- Era uma fuga e tanto - disse-me ele. A gente pensava todo o tempo nessa gente, buscava imitar os seus gestos, se possível os seus feitos, na escala diminuta do

nosso mundinho e da nossa imaginação. Às vezes chego a duvidar se aquilo de fato foi uma boa coisa...

- Ora, vejam só! A revolta do Zorro!

Ele riu, bebeu outra dose de uísque, continuou:

- Pense bem. É verdade que estávamos entrando, junto com o resto do mundo, numa nova forma de cultura, realmente avassaladora. Mas uma forma de cultura que sob muitos aspectos nos desvinculava de nossas próprias origens, que tornava aborrecidos, enfadonhos, tacanhos, aqueles valores que eram prezados pelos nossos pais. Não estou querendo dizer que esses valores fossem melhores ou piores. O que eu quero dizer é que a velocidade e a violência com que fomos arrebatados por essa nova forma de cultura - e sem a menor possibilidade de evitá-la ou, pelo menos, avaliá-la nas suas dimensões - causou-nos uma profunda ruptura psicológica em relação a nós próprios e às nossas possibilidades de autêntica realização.

- Como assim?

- Não sei explicar muito bem. Desprezávamos o mundinho concreto, que estava ali a nossa frente, para sonhar um mundo virtual maravilhoso. É mais ou menos o que me lembra hoje quando um político promete nos integrar no "primeiro mundo" em curtíssimo prazo... Como se o "primeiro mundo" não fosse o resultado, no tempo, de uma árdua experiência coletiva de organização, eficiência e inteligência para resolver problemas imediatos e concretos, quase tudo que nos falta... Quando escuto tais coisas, penso comigo: "eis aí um sujeitinho que viu filmes demais na infância".

- Acho que você exagera um pouco. É certo que a influência do cinema, especialmente do cinema

americano, foi – como você diz – avassaladora. Mas, por outro lado, não temos nós, seres humanos, uma forte inclinação para criar símbolos e esquecer o “concreto” aí na frente? As religiões, as teorias políticas, as ideologias diversas parecem nos mostrar isso. Acho que sempre, desde os tempos da velha Suméria tivemos uma tendência para nos integrarmos ao que poderia ser chamado “a grande farsa virtual”. De qualquer modo, no nosso caso, podemos atribuir boa parte de culpa ao Rafael e suas ceninhas...

– Pois é, o Rafael e seu álbum de ceninhas. Creio que você sabe do que estou falando, pois o álbum de ceninhas do Rafael era invejado por toda a turma. E tão cobiçado por mim, que até cheguei a...

Não era propriamente um álbum. Era um caderno escolar de capa dura no qual, com lápis e régua, Rafael traçara diminutos retângulos na medida exata dos fotogramas. Usando uma gilete, cortara transversalmente dois ângulos opostos em cada retângulo e ali eram presos os vértices correspondentes dos fotogramas que selecionava, meia dúzia em cada página, os mais raros e importantes.

– Nós todos também tínhamos as nossas coleções – disse ele – mas nenhuma delas comparável à do Rafael. Com a ajuda do Valdir ele conseguiu reunir os momentos mais espetaculares dos filmes que assistíamos e até dos que não podíamos assistir, como os impróprios para menores de 18 anos. Havia, recordo, uma ceninha da Hedy Lamarr completamente pelada, no filme *Êxtase*, uma raridade.

Os copos estavam novamente vazios. Renovada a dose, indaguei:

- E daí você...

- Daí cismeí que aquele álbum deveria ser meu. Essas ideias possessivas que os garotos às vezes têm, que ficam incomodando, insistentes como moscas. Era como se a posse daquele álbum pudesse me tornar de algum modo mais respeitado ou admirado pela turma. Como se... Afinal, eu era o Zorro...

- Mas, pelo que sei, Rafael nunca se desfez daquele álbum, pelo menos na época.

- É verdade, nunca se desfez. Conversei com ele a sós, pedi que me vendesse, ofereci um bom dinheiro, que meu pai estava disposto a pagar. Você sabe que o Rafael era muito pobre, daí... Mas o sacana não queria saber de nada, não iria desfazer-se dele por nada deste mundo. Apesar da frustração, eu não conseguia tirar o álbum da cabeça. O tempo foi passando. Então, um dia...

- Sempre existe *esse* dia...

- Rafael - disse ele - morava ao lado de minha casa. Era uma faixa estreita e longa de terra que pertencia ao Arno Schultz, dono de uma serraria e que morava um pouco adiante, na rua... Bem, não importa. Aquele espaço ficara baldio por muito tempo até que dona Emília, mãe do Rafael, conseguiu erguer ali o seu casebre de madeira. Arno Schultz vinha visitá-la com certa frequência, aquela viúva quarentona, mas ainda em forma... Eu ia muito lá, assim como o Rafael vinha muitas vezes a minha casa. Éramos bons amigos. Sempre cortávamos caminho, pulando o muro de tijolos que separava o terreno de meu pai daquela faixa.

Veja, não é nada de emocionante. Apenas um dia enfarruscado, ventoso, com ameaça de chuva. Pulei o muro, fui procurar Rafael. Assim que cheguei à porta

dos fundos, notei que dona Emília estava de saída, quase lá no fim da faixa, em direção à rua, sobraçando uma cesta de vime. Mas a porta dos fundos estava aberta, podia ver a sala silenciosa logo adiante; a mesa rústica e ampla no centro, rodeada de três cadeiras; dois armários desgastados, baixos, com os seus gavetões, encostados à parede. “Rafael!”, chamei, sem obter resposta. Não havia mais ninguém na casa.

Essas coisas, esses impulsos que parecem inexplicáveis... Eu *sabia* que Rafael guardava o álbum de ceninhas no primeiro gavetão de um daqueles armários. E não é o fato de eu ter entrado ali com o coração pulsando forte, ter aberto o gavetão com mãos nervosas e apressadas e levado comigo o álbum, que importa. O que importa é a torrente surda de sentimentos contraditórios que ferviam dentro de mim enquanto o carregava para casa, apertando-o debaixo do braço como se fosse possível escondê-lo de todo. Aquele caldo de ensinamentos paternos, de aulas de religião, de historietas e mitos aprendidos que zuniam dentro de mim, ladrãozinho inexperiente, como uma coisa antiga, devastadora, em contraposição ao meu intenso desejo de posse. E depois a surpresa, o frio que me subiu do estômago, aquela quase sensação de terror...

- Terror?

- Exato. O terror de, ao pular o muro, deparar com o Rafael, que me aguardava no quintal de minha casa. Creio que ele percebeu logo o que estava acontecendo. Ainda guardo comigo a expressão do olhar que me lançou.

VIDRAÇAS PARTIDAS

Depois de aproximadamente vinte minutos de espera, o rosto do velho teve uma reação de esperança, até de alegria. Percebeu o vulto descer apressado os degraus, três ou quatro, da escada de pedra; pular alguns blocos de barro e tijolos espalhados no cais em ruínas e ficar parado na praia, a olhar para um lado e outro, como à procura de alguém. No escuro da noite, apenas suavizado pelos reflexos das luzes dos edifícios, dos faróis de automóveis e da avenida mais além, podia reconhecer, mesmo a distância, pela estatura, pelos movimentos que fazia, podia reconhecer de quem se tratava. Aproximara-se relutante àquela tarde, conversara com ele de modo esquivo em pleno borborigmo do calçadão da Praça e acabara por aceitar o encontro que agora começava a cumprir-se. Então o velho se levantou da pedra em que estava sentado, quase oculto entre montes de barro e grossos vigamentos e foi caminhando na direção do vulto, sentindo o coração bater acelerado e mal disfarçando os passos ansiosos.

“Olá, você veio mesmo”, disse o velho com voz macia e um sorriso aliciante.

O rapaz, bem mais alto que o velho, evitava encará-lo. O seu rosto era uma expressão rígida de olhos sempre fugidios.

“Trouxeste toda a grana?”, perguntou.

“Calma”, a voz macia do velho, “por que tanta pressa? Venha, vamos conversar ali adiante onde ninguém possa ver a gente.”

O velho estendeu a mão e segurou um antebraço do rapaz. Os dedos pressionaram levemente a musculatura firme. “Vamos”, repetiu, sentindo os primeiros sinais da conhecida vibração nascer dentro do seu corpo.

Caminharam na mesma direção da qual viera o velho. Entre montes de barro, de pedras, de areia, havia o resto de um paredão do antigo cais, ainda não completamente destruído pelas obras de aterro. Bem próximo, o contorno de uma escavadeira inerte na sombra da noite, como um estranho animal petrificado. Os dois homens ficaram em pé junto do paredão. Ficaram em silêncio, frente a frente, por alguns instantes, na expectativa da palavra ou gesto de aproximação. Mas o rapaz mantinha o rosto tenso e sério, o olhar pesado de agressividade e desconfiança, por ele mesmo, pela situação em que se achava, à qual parecia detestar submeter-se, mas contra a qual não queria reagir.

“Como uma nuvem”, falou o velho com a sua voz aliciante, um tanto melíflua, olhando o rapaz bem nos olhos.

“O quê?”

O velho deu uma risadinha.

“Como uma nuvem”, repetiu, sem saber exatamente por que dissera aquilo, mas continuou: “ou nuvens, que mudam de forma com a aragem que sopra, mas não deixam de prosseguir o seu caminho. Não é assim?”

“Porra, eu não sei do que tu estás falando. Quero saber é se trouxeste a grana.”

“A grana. O preconceito. A incompreensão do amor. Quanta coisa feia e triste dentro do ser humano”, estendeu um braço para a frente, os seus dedos ajeitaram a gola da camisa do rapaz, que esboçou um movimento

de recuo, mas permaneceu na mesma posição, rígida e agressiva.

“Sim, eu trouxe a grana”, continuou o velho, “afinal é a motivação de todos os contratos, não é assim? Você terá a grana, eu terei o que quero. É lamentável, é triste, mas sempre tem sido assim, que fazer? Aceito as condições. Eu cumpro a minha parte e você também deve cumprir a sua. Sem resistências tolas, sem melindres, tá legal?”

O rapaz encarou-o um tanto perturbado na sua animosidade. “Eu estou aqui, não estou?”, disse num tom de desafio. “Eu acho tudo isso nojento, acho que os veados são nojentos, mas estou aqui, porras!” Em seguida desanuviou o rosto, pareceu relaxar.

O velho escutou em silêncio, a olhar para o rapaz. Talvez esperasse as palavras ofensivas, talvez uma longa experiência, um longo hábito fizessem delas uma coisa esperada e até necessária. “Muito bem”, pensou, “muito bem, muito bem”, disse falando consigo mesmo e foi outra vez sendo invadido pela vibração que fazia as narinas se dilatarem em inspirações mais fortes. “Tão jovem e inexperiente!”, lembrou-se. E era um frêmito irresistível, palpitante e morno, por todo o corpo, como se o sangue estivesse a correr num fluxo mais vivo pelas veias. Invasão cega dos sentidos, que a reação agressiva pareceu intensificar na ânsia da entrega de si mesmo a um ato pervertido na sua natureza, mas purificador como escolha de liberdade e de comunhão. Uma desforra?

Veículos inconscientes, as mãos buscaram o tato amoroso sobre o corpo do rapaz. Os dedos descreveram uma trajetória impaciente e suave pelas linhas do rosto, desceram ao peito, desafogaram os botões da camisa. “Amor, amor, meu amor”, pensava o velho,

concentrando febrilmente o pensamento, só para ele, só para ele, e o pensamento girava sempre mais numa dimensão embriagadora, vertiginosa, como uma espiral incandescente. Então semicerraram-se os olhos e os lábios buscaram a pele firme e jovem, deslizando sobre ela como plumas trêmulas, pássaros híbridos e solitários que experimentavam mais uma vez o voo proibido. Os dedos continuaram a descer, baixando o zíper da calça, descobrindo o que era a forma da sedução e do mistério, o que desorientava a vida da razão para momentos de febre e desatino; “amor, amor, amor, amor” e os dedos que acariciavam a forma intumescida e as pernas que se dobravam e ajoelhavam na areia, as pernas de velho, de um velho, ajoelhadas na areia, e o esquecimento de tudo, “amor, amor, amor, meu amor”, e a boca a procurar o esquecimento em movimentos convulsivos, saliva e esperma misturados a escorrer pelos cantos, o inefável através do grotesco, o mágico universo interior perdido e reencontrado no grotesco.

Vidraças partidas e a expansão incomensurável da mente para o vazio de si mesma, como a queda num poço imenso, como o espaço desmedido e escuro de uma concha fechada. Tão breve e infinito! Os movimentos mal percebidos de um frenesi ritmado, o arfar que era um grunhido na garganta e as mãos fortes que súbito lhe agarravam os cabelos e o jato viscoso e acre que inundava a boca, como o fim de um sonho, momento limite para o retorno de uma redenção vencida. E que teria de novo, sempre de novo, de ser recompensada.

CINCO DIAS ÚTEIS

Segunda

Não se soube exatamente como ou por que surgiram os diminutos corações verdes. Naquele dia os servidores públicos estavam sentados na grande sala de trabalho, com suas máquinas de escrever, seus papéis, suas perdoáveis indolências. O momento econômico era grave, os jornais insinuavam cortes de vantagens, perda de estabilidade e expurgo de pessoal. Aristófanês Soares levantou-se para ir ao banheiro; tentou assobiar, enquanto caminhava pelo corredor, um trechinho de “Quadros de uma exposição”, de Mussorgsky, na transcrição para orquestra de Ravel, mas não conseguiu. Estava indeciso entre os quadros *Gnomus* e *Sepulcrum romanum*. *Cum mortuis in lingua mortua*. Além disso, achou difícil assobiar sons de oboés, de flautins ou de timbales e acabou por assobiar um pedacinho de “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga, que bastava simplesmente assobiar.

Ao sair do banheiro percebeu a estupefação, o assombro geral de seus colegas. Na testa de Aristófanês Soares estavam incrustados três diminutos corações verdes, como se ele os tivesse gravado com ferramentas de tatuagem.

- É a hora crucial! - exclamou alguém.

Sete funcionárias se ajoelharam e começaram a rezar o Creio em Deus Padre.

Terça

Natércia veio a minha casa para fazermos o exercício. Já há algum tempo que havíamos adquirido a

bonequinha de pano e os alfinetes no Mercado Público de nossa cidade. O prazo para que eu saísse da casa terminava em setembro, dali a dois meses.

Natércia procurou reproduzir no rosto da bonequinha, com lápis de sobrancelhas, as feições da proprietária do imóvel, uma velhota solteirona, detestável, usurária e rabugenta. Depois mergulhamos num silêncio cristalino de pura concentração. O rosto da velha invadia as nossas mentes como mancha venenosa.

Três minutos passados e Natércia exclamou: “É o momento!” Num gesto repentino, inexorável, enterrei um alfinete em pleno coração da bonequinha de pano.

Desta vez tudo deu certo. No mesmo instante ouvimos o som da terrível explosão a três quarteirões dali. Quando corremos para a janela, pudemos ainda ver o enorme volume de fumaça que subia para o céu como um gigantesco cogumelo.

Quarta

Foi minha mulher, na terça-feira, quem alertou: os velhinhos não estão bem. Dia seguinte, quando abri a oficina mecânica, espiei para o terreno vizinho com a sua casa de madeira de dois pavimentos e constatei que minha mulher estava certa. “Seu” Gabriel D’Anunzio estava na janela do segundo piso e cantava *Torna a Sorrento* a plenos pulmões, com voz idêntica à de Pavarotti. Ele já completara 84 anos de idade e suas duas irmãs solteiras, dona Terpsícore e dona Melpômene, respectivamente de 78 e 76 anos, dançavam nuas sobre o gramado do terreno.

Penalizado com a loucura, combinei com minha mulher que os levaria na Kombi até o centro de umbanda de Mariazinha dos Despachos para que recebessem uns passes. À noite, no caminho, eles foram cantando

a Marselhesa no interior da Kombi e de vez em quando dona Melpômene – que estava sentada atrás de mim – dava fortes palmadas na minha cabeça.

Quando “seu” Ogun, um negro de um metro e noventa de altura, baforou a fumaça de seu enorme charuto sobre os velhinhos, eles arcaram o corpo e levaram as mãos em garra para as costas.

Todos no centro de umbanda foram unânimes em afirmar que nunca antes, naquele local, haviam visto algo semelhante ao que acabavam de presenciar: trinta e nove pequenas serpentes saltaram das bocas dos velhinhos e percorreram o salão, desaparecendo pelos interstícios do velho assoalho.

Quinta

Subi com certa dificuldade os degraus estreitos, apertados entre paredes nuas, que conduziam ao escritório do sr. Virgolino Ferreira, no segundo andar. Não havia elevador. Eu combinara, por telefone, vender algumas de minhas ações telefônicas.

Mal pisei o limiar da porta do escritório, a secretária adiantou-se.

– O senhor Virgolino Ferreira precisou viajar. O senhor por favor volte amanhã.

Sexta

Retornei ao escritório. Tinha urgência do dinheiro. A secretária pintava as unhas dos pés. A perna direita estava erguida, com o pé apoiado sobre o assento da cadeira na qual ela se sentava, de modo que pude ver a calcinha roxa. Assim que notou a minha presença, levantou-se e disse: “O senhor Virgolino Ferreira está a

sua espera; pode entrar”, e apontou com o pincelzinho de passar esmalte para uma porta fechada, à esquerda.

Abri a porta, entrei. Com uma peruca ruiva que se levantava num inacreditável topete, o sr. Virgolino Ferreira desabrochou um sorriso aliciante, arqueando o bigodinho preto aparado. Exclamou: “Eu queria, amor, que você ouvisse isto!”

Colocou um disco na eletrola a seu lado e em seguida começou a bater palmas, rebolar os quadris, sacudir as pernas, seguindo a música que dizia:

Tutti frutti, oh, groovy
Tutti frutti, oh, groovy
oh, wa ba ba ba loon

♦ CONTAS DE VIDRO (2002) ♦

ALTAMIRA

Às vezes era *Loch Lomond*, outras vezes *Sunrise Serenade*, ou então *Bei mir bist du schön*, ou ainda *Stardust*, mas era sempre, lembro agora, a orquestra de Benny Goodman. O marinheiro namorado lhe trazia os discos de suas viagens. Enormes, maciças “bolachas” de 45 rotações, com as novidades da música popular norte-americana. No entanto, os favoritos eram os da orquestra de Benny Goodman, que aos domingos de tarde rodavam durante horas no quarto do quintal, afastado e independente da minha casa, enquanto ela ficava sentada diante do espelho da penteadeira a retocar a maquiagem, a refazer penteados, a pintar com esmalte vermelho as longas unhas. Em *Loch Lomond*, também em *Bei mir bist du schön*, alguém – uma mulher – cantava palavras incompreensíveis.

“O que ela está dizendo?”

“Não sei. É inglês. Mesmo assim é bonito, você não acha?”

Eu achava. A voz da mulher soava maravilhosa, completa intimidade. Quando a gravação passava para outra música, Altamira levantava-se às pressas da banquetta da penteadeira, ia à outra mesinha, voltava o braço da vitrola com a sua agulha para *Loch Lomond*, ou *Sunrise Serenade* ou... Sempre as mesmas músicas suas preferidas.

Na visão de meus 10 anos de idade, Altamira era referencial, seta apontando para uma longínqua, futura, ainda difusa sugestão de vida ou de amor. Que idade teria ela? 25, talvez 28. Não era propriamente a beleza física o que mais me impressionava, ainda que Altamira estivesse longe de ser feia. Eram o porte firme, elegante, a energia

displicente e orgulhosa no executar as tarefas de “empregada doméstica” (como se dizia então) da casa, a sensibilidade e a inteligência que me pareciam mais abertas e muito além da pequenina esfera limitada que a cercava. Ela ganhava disparado em vitalidade e beleza na comparação que o garoto fazia com a mãe e as irmãs dele, tão recatadas, tão dependentes, tão sem iniciativas de vida. Altamira trazia um componente novo de reflexão sobre as possibilidades de comportamento, de ação (e prazeres) que o mundo poderia oferecer. Autêntica, o senso de valor humano e de liberdade pessoal da sua figura sugeria o oposto de um mundo em guerra, que se abatia, no início dos anos quarenta, em meio a ideologias preconceituosas, autoritárias, até mesmo burras.

Sunrise Serenade, Stardust. A orquestra de Benny Goodman. Altamira. Um passado ilhado num mundo de relações complexas, mas ainda provocante na memória. Um instante do mundo que não se perdeu e continua vibrando no coração da mente. Talvez motivo para um poema, como em Wallace Stevens: “O poema da mente no ato de encontrar o que satisfaz”. É preciso agarrá-lo, como se tenta agarrar o dia. O palco está pronto, basta seguir o roteiro. Qual ator insaciável (Stevens), “um metafísico no escuro”, podemos tanger o instrumento que gera os sons que transpassam súbitas certezas, que contêm a mente inteira, aquém da qual não se deve descer, além da qual não se deve subir. Enfim, a exatidão do poema do ato da mente. Assim como Altamira diante do espelho da penteadeira, num quartinho de quintal afastado da minha casa, a retocar a maquiagem, a refazer penteados, a recompor o meu universo humano de inquietações, num mundo em volta que me parecia então menor que ela.

PLANOS

Foste a princípio minúscula e quase despercebida mancha num plano geral, panorâmico. Descortinava-se da distância o cenário da praça, com as suas árvores anciãs e majestosas, as suas alamedas marginadas de canteiros e folhagens, os pombos a revoar sobre os monumentos, o atropelo de automóveis e pessoas nas ruas em volta, os edifícios, o mar limitado por montanhas mais para o fundo, a anunciar sugestões de fugas e transcendências. Tu eras apenas uma entre tantas manchas vivas que se locomoviam nesse cenário e que eu conseguia ver, escondido em meu ponto de observação.

Talvez não soubesses, nem a mulher que te acompanhava, do meu ódio e do meu ciúme doentios. Estou certo de que desconhecias o fato de que, desde o nosso rompimento, eu sigo inconformado os teus passos. Na verdade, desde há muito és como um vício monstruoso e incontrolável a minar o meu espírito, cegando-o irremediavelmente para a razão e o bom senso. Mas, que importância teriam para mim razão e bom senso, sem aquela luz, aquela força vivificadora que anima e dá sentido às coisas, ajudando a suportar a rotineira aridez dos dias? Tu representas para mim essa luz, essa força e eu não posso desperdiçar-te. Não posso!

Caminhas despreocupado na minha direção. O que era antes uma indefinida mancha é agora a tua figura de corpo inteiro no centro de um plano de conjunto, sem mais espaços acima da cabeça e abaixo dos pés, dentro de meu campo de visão. Tens um braço sobre os ombros

da jovem que te acompanha. Há confiança e alegria em teus olhos e vocês conversam – tu e essa jovem – como se houvesse já existente entre os dois o laço de comunhão e ambígua felicidade que prende definitivamente os corações. Vocês riem e parecem pronunciar palavras de afeto, de aproximação. E isto me fere. Isto arrasa os meus sentimentos.

Sinto-me como um daqueles personagens esmagados e sofridos dos quadrinhos de Will Eisner, que costumávamos ler juntos em outros tempos, lembra? Das estórias em quadrinhos de Will Eisner, do *The Spirit* e seus personagens vistos do alto, em plano *plongé*, imersos num terrível claro-escuro expressionista, cheios de angústia e encurralados pelo destino? Sinto-me assim! Sem dúvida sinto-me assim agora!

Mas é certo que tudo terminará dentro de poucos instantes. Em alguns segundos estarás bem próximo do ponto que deliberadamente escolhi para armar a minha cena. Sim, o meu espetáculo! O meu estapafúrdio e tragicômico espetáculo, que há de pôr um fim a esta situação aflitiva!

Não dizias sempre que eu possuía uma veia para o escandaloso, para o exagero emocional e a encenação dramática? Pois aí está o momento de saberes que tinhas toda a razão!

Detalhes, são planos de detalhes que eu vejo agora em desvairada e angustiante sequência. O desenho vermelho, *punk*, de tua camisa preta; os teus ombros largos; o teu rosto alarmado pelo espanto de me veres de súbito a tua frente. Porque foi isto que planejei: pular de súbito a tua frente e ver o espanto e o horror das pessoas próximas nesta praça, enquanto retiro de meu bolso a

arma que dará alívio ao meu desespero. Quero que os teus olhos – o pormenor de teus olhos aterrorizados – vejam o movimento rápido de meu braço (o braço deste velho louco e patético) quando a arma apontar para o meu próprio cérebro e fazer explodir os meus miolos. Sim, sim, quero viver intensamente este último momento, em que hás de compreender por que tudo foi feito. Em que hás de compreender que nem todos conseguem viver num plano vazio, absolutamente vazio!

DEPOIMENTO

Sim, eu a conheci. Chamava-se Doracina e era auxiliar de enfermagem. Trabalhamos durante algum tempo ocupando a mesma sala, ali na Secretaria. Se tive algum caso com ela? Olha, não foi nada sério, doutor; apenas isso que alguns ainda chamam de “amizade colorida”. Mesmo porque a Doracina não levava nada a sério, era uma mulher livre, despatriada. Sim, sim, deitamos juntos algumas vezes, principalmente quando ela entrava em estados de depressão e precisava de uma companhia amiga. Mas nem sempre, mesmo quando deitados e nus na cama, a gente fazia, vamos dizer... amor. Às vezes a gente só conversava e certa ocasião – eu me lembro – gastamos parte da noite simplesmente cantando o repertório de música popular que vinha vindo à cabeça. Foi um negócio meio adoidado, mas legal.

Como eu vejo a morte dela? Não dá para explicar. Eu também estava no bailão aquela noite, vi quando ela entrou, acompanhada do sujeito, uma cara nova, estranha no pedaço. Deviam ser mais ou menos umas onze horas da noite. O tipo dele? Bem, um cara grandalhão, moreno, magro, de bigode meio grisalho. O bailão era o bailão do Márcio, o senhor sabe onde fica, é claro. Exato, aquele enorme retângulo marrom de alvenaria à beira da BR. Ela sempre ia lá às sextas-feiras e quase sempre acompanhada.

O salão estava lotado, como geralmente acontece às sextas-feiras. A orquestra da casa tinha o trombone de vara do Mazico, que não deixava ninguém ficar sentado

junto àquelas mesinhas ao redor da pista. Era o trombone do Mazico, piano e bateria. Mesmo naquele alvoroço, doutor, mesmo naquele alvoroço eles ficaram no salão todo o tempo que eu pude ver. Doracina dava a impressão de já haver tomado umas biritas ou puxado algum fumo, porque ria e gesticulava muito. Algumas vezes ela e o estranho interrompiam a dança em pleno salão e ficavam parados na pista numa conversa animada, só vivacidade, pontuada de abraços e beijos, gestos largos, gargalhadas sacudidas e não davam a mínima para os encontrões recebidos de outros pares que dançavam. Posso lhe dizer, doutor, porque eu a conheci demais: era aquele jeito de falar que ela às vezes tinha, como se estivesse apenas continuando uma conversa iniciada em outro tempo, talvez mesmo numa outra encarnação.

O que aconteceu depois? Não sei muito bem, doutor. Eu já havia tomado umas cervejas, de repente me distraí com outras coisas, sei lá. Posso dizer que num determinado momento olhei o salão e eles já não estavam mais lá. Isto me deixou um tanto preocupado. Por quê? Não sei, juro que não sei. Alguma coisa dentro de mim adivinhava qualquer coisa de ruim. Desde garoto sempre tive desses pressentimentos.

Sim, eu encontrei o corpo dela. Os banheiros ficavam no fim de um corredor estreito com saída para um terreno aos fundos. A gente entrava no corredor por uma portinha ao lado do palco. Depois que usei o banheiro, resolvi respirar um pouco ali fora. O terreno avançava num suave declive, coberto de capim rasteiro. Quando acendi o meu cigarro, pensei ter visto qualquer coisa escura estendida no chão um pouco adiante, qualquer coisa que lembrava um corpo humano. Fui ver e era o corpo dela, doutor, o

corpo de Doracina, todo esfaqueado, caído sobre uma poça de sangue.

Agora o senhor diz que é tudo mentira minha, que o sujeito grandalhão foi logo embora, que ele saiu pouco mais de uma hora depois que chegou, dirigindo um Monza azul-escuro. E que algumas pessoas viram Doracina ir sozinha para o corredor dos banheiros depois de trocar umas palavras comigo. Por que eu não me lembro de nada disso? As pessoas falam sem pensar, doutor. É tudo pura maldade. O senhor suspeita de mim, eu sei. Mas por que eu iria matar Doracina? Foi ela, doutor, foi ela quem se matou. Ela sempre quis morrer. Foi ela quem afastou aquela coisa que sempre teve dentro dela, aquela coisa que a atraía para o abismo e para a autodestruição. Sim, sim, posso até ter sido um instrumento; mas juro, doutor, que não me lembro de nada.

PAPO DA AVOZINHA

- Afirmam - costumava dizer a avozinha - que no ano de 1665, enquanto grassava a Grande Praga na Europa, um cidadão inglês chamado Isaac Newton, com 23 anos de idade, teve de deixar temporariamente a Universidade de Cambridge, fechada devido à peste, e ir para a sua fazenda em Lincolnshire. Lá existiam muitas macieiras e o Isaac Newton adorava olhar maçãs caírem. Não há nada de errado nisto. De acordo com o George Gamow - acrescentava a avozinha - a maçã de Newton tem todo o direito de figurar ao lado da maçã de Eva, que resultou na expulsão do Paraíso, ao lado da maçã de Paris, que iniciou a guerra de Troia, e da maçã de Guilherme Tell, que participou da formação de um dos países mais estáveis e amantes da paz em todo o mundo.

- Sim, vozinha. E daí?

- E daí, cara, isto é, meu netinho, pode imaginar-se que muita gente naquela época, principalmente as que trabalhavam nos meios de comunicação, devia ter escrito coisas muito úteis, muito participantes, a propósito de como resolver os problemas imediatos causados pela Grande Peste. Também se descobriu que o Isaac Newton, enquanto via maçãs caírem, escrevera o seguinte: "Durante esse ano, comecei a estender a ideia da gravidade à órbita da Lua e fiz uma comparação entre a força que era necessária para manter a Lua em sua órbita e as forças da gravidade que agiam na superfície da Terra".

- Orra, vozinha! O homem estava no mundo da Lua.

- Nem tanto, nem tanto, meu querido imbecilzinho, desculpe, meu netinho. Mas também vou te dizer que um pouco mais tarde, em 1788, quando por toda parte as cabecinhas já começavam a inflamar-se com o terror da Revolução Francesa, um compositor austríaco, solitário e quase na miséria, chamado Mozart, escrevia um divertimento, hoje muito conhecido, admirado e catalogado com o número K-563. E o interessante é que, ainda hoje em dia, quando alguém pretende dizer que o “quente” é preocupar-se com as revoluções francesas, começa por pichar os que se dedicam aos divertimentos mozartianos.

- Vozinha, diz uma coisa: qual é a sua? Que papo é esse?

- O que estou querendo dizer é que, na minha idade, já vi e ouvi muito dessas coisas que não me parecem mais ter algum sentido.

- Fiquei na mesma, vozinha.

- Seguinte: se o universo é de fato uma cósmica interação de partículas e se realmente qualquer evento só será válido, ou “verdadeiro”, para sistemas referenciais inerciais, ou seja, que se movem de maneira uniforme, então jamais poderemos privilegiar um evento em detrimento de outro. O divertimento mozartiano, de um ponto de vista cósmico, é, por conseguinte, tão importante quanto a Revolução Francesa, assim como preocupar-se com a gravidade na órbita da Lua é tão importante quanto preocupar-se com os mais graves problemas sociais.

- Cruzes, vozinha. A senhora está me saindo uma tremenda reacionária!

- Nem tanto, queridinho, nem tanto. A gente vai vivendo e aprendendo. E observe que eu coloquei a minha

afirmativa no condicional “se” e dentro de um ponto de vista o mais amplo possível. E também numa perspectiva isenta de qualquer limitação, privilégio ou preconceito. Todos os eventos ou ações têm uma importância relativa e se condicionam uns aos outros. A física, a matemática, a biologia ou a química não são conhecimentos independentes e nem mais nem menos importantes que a arte, a literatura, a música, a história ou a economia. No fundo, meu netinho, o conhecimento é um só.

- Vozinha, a senhora é mística?

- Não, meu netinho, embora também não tenha nada contra os místicos, que são tão válidos quanto os outros. A propósito, foi um poeta místico chamado Yung-chia Ta-shih quem resumiu todo este meu papo, dizendo: “A Lua única reflete-se onde quer que haja um lençol de água, e todas as luas nas águas estão abraçadas no seio da Lua única”.

- Vozinha, que barato! A senhora é louca!

RUÍDOS NA CASA

Abriu os olhos no escuro. Havia a certeza interior de um ruído na casa, ainda que não pudesse jurar se de fato o escutara. Um leve, abafado ranger de porta, talvez uma cadeira arrastada sob a ação de um descuidado tropeço, talvez qualquer janela sendo forçada por mãos não muito hábeis. Havia aquela silhueta de perfil, a mulher, que dormia a seu lado na cama. Depois de trinta anos ali, era uma silhueta habitual, previsível, contemplada sem paixão.

Outras silhuetas mais ou menos habituais estampavam as paredes revestidas pelo tecido da noite. E os descorados reflexos que vinham de fora através da vidraça amortalhavam de sombras confusas os objetos concretos do quarto. Sombras de roupas atiradas em sombras de aparadores; sombras de frascos e outros objetos de uso pessoal da mulher, distribuídos na superfície escura da penteadeira. Sombras de quadros sobre as paredes de cores difusas.

Então levantou as cobertas e pôs no chão os pés descalços, sentando-se na cama. A atenção excitada reconheceu os ruídos familiares darua ali adiante, do outro lado da janela, alguns distantes, alguns mais próximos. Entre esses ruídos conhecidos e tranquilizadores, no entanto, algo se intrometia, inquietante, como uma pisada mais forte, como uma gaveta a ser remexida, algo que parecia acontecer no interior da casa, num compartimento não identificado da casa.

Caminhou depois na ponta dos pés descalços com passadas curtas e furtivas, dirigindo-se à porta do quarto. Podia vislumbrar dali parte da sala de estar que divisava com a cozinha. Outras sombras, a da poltrona, a de uma cadeira, a da geladeira, além da abertura cinzento-escura que conduzia à cozinha, acentuavam a sombra universal da noite circundante. Ele ficou a espiar aquelas sombras, da distância em que se achava e num esforço de concentração dos sentidos, esperando acostumar melhor a vista à semiescuridão que o envolvia. Mas nenhum ruído estranho voltou a repetir-se.

Alguns instantes de espera e ele arriscou alguns passos pelo corredor, arriscou ingressar na sala mais adiante, arriscou ir até a cozinha. Estava descalço, desarmado e vestia um pijama de tergal azulado com finas listras brancas, presente da mulher. Então, ao mesmo tempo em que de repente se certificava de que não havia ladrão na casa, percebeu no íntimo a fragilidade e até mesmo o ridículo da sua figura. Sim, não havia ladrão na casa; isto se tornou patente no momento em que acendeu as luzes da cozinha e, a seguir, as da sala de estar. Tudo estava em ordem ao seu redor; os objetos e os móveis nos seus respectivos lugares, repousando estáticos, numa aura de silêncio.

O que havia então, se ainda persistia aquela sensação perturbadora de intimidade devassada, de tranquilidade destruída? Havia ele, sem dúvida. Só ele, subitamente desperto para o entendimento de uma realidade antes despercebida de sua existência. De sua existência acomodada ante os abismos do aleatório do espírito, submissa às forças de poder a sua volta, presa a bagatelas como a conservação de sua casa, de seus bens, de suas

roupas, de seu prestígio. Temerosa de transformações, rotineira nos seus passos cotidianos, o ir e vir na busca do dinheiro, da segurança, da posse de coisas materiais.

Uma vida sem energia, percebeu, ao olhar no espelho da cristaleira da sala de estar um rosto desgastado e de cabelos revoltos. Uma vida que não legava nenhum vestígio de inquietação criadora.

Por detrás daquele rosto, percebeu, havia um grande vazio de alento. E daí lamentou que não tivesse existido nenhum barulho real na casa, mas somente o pulsar de um coração decrépito, que murchava para a vida.

UM, DOIS, TRÊS

1. O filho, já adulto e desempregado, levantou-se naquela manhã com os olhos inchados e vermelhos, gritou irritado com a mãe e saiu para a rua, batendo a porta. Quando foi ao quintal – pequena área de terra coberta de sujeira, tufo de capim rasteiro, velhos caixotes e latas vazias – a mãe notou que o cachorro estava com um aspecto estranho, que a olhava com olhos que pareciam brilhantes de ódio, que mostrava um focinho franzido a descobrir parte de uma fileira de dentes afiados e rosnava ameaçador. A mãe era o sustento da casa, trabalhava fora como faxineira e por isso tomou o seu café preto com pão, fechou o casebre e saiu apressada para apanhar o ônibus das sete e meia.

Que coisa mais esquisita! As pessoas na imensa fila de espera do ônibus estavam inquietas, como se um fluido insidioso de nervosa rebeldia perpassasse os corpos e os espíritos. Os gestos eram duros e inconsequentes; os rostos se crispavam num ríctus de impaciência. “Chega!”, foi a palavra murmurada soturnamente por toda a fila, quando o ônibus – sempre atrasado no horário e com o preço da passagem mais elevado naquele dia – apontou na esquina do quarteirão mais adiante. “Chega!”, era a senha, um “basta!”, que se alastrava de pessoa a pessoa com intensidade sempre maior.

Saído de dezenas de gargantas, o exasperado grito ganhou toda a rua. De todos os lados surgiam figuras cheias de irritação, que cercaram o ônibus estacionado no ponto de parada. Então foi atirada a primeira pedra,

que amassou parte da lataria do veículo, logo seguida por uma saraivada de outras pedras, que estilhaçaram vidraças, esparramando sobre a rua cacos e farelos de vidro que rebrilhavam sob o sol da manhã. Em pânico, motorista e ajudante conseguiram fugir, desaparecendo no meio da já enorme multidão.

Dois outros ônibus naquela mesma rua foram cercados e apedrejados. Grupos em fila penetravam os veículos, quebravam bancos, despedaçavam os estofamentos e quem estivesse na rua em dado instante poderia ver a fumaça sair das aberturas antecedendo as primeiras labaredas de fogo. De boca em boca circulou a notícia de que em outras ruas, por toda a cidade, multidões não só invadiam os ônibus, mas também começavam a depredar lojas, casas de comércio, supermercados. Todas gritando o mesmo estribilho: “Chega!”

2. “Estão querendo levar o país ao caos. Pode ver-se, por detrás desses acontecimentos, a palavra de ordem de conhecidos desordeiros políticos!”, disse um ministro com aspecto sombrio, à noite, pela TV.

“Um instante histórico de aflição e insegurança, que vem mais uma vez comprovar a inépcia de um sistema neoliberal, que protege os donos do capital e deixa desassistida a imensa maioria dos menos afortunados deste país!”, palavras de um deputado da oposição, também pela TV.

“Os valores se degradam cada vez mais, anunciando o final de uma era! Tudo está escrito!”, bradou um místico. Pela TV, é claro.

3. Naquele dia, a mãe não conseguiu ir ao trabalho. Às quatro horas da tarde ela ainda se encontrava na rua e podia ver as labaredas de fogo libertarem-se das

carcaças dos ônibus. Era uma tarde nublada e escura; a mãe estava cansada, faminta, a cabeça pesada de vagos pressentimentos. A multidão furiosa já se acalmara. Os transeuntes curiosos que passavam nas calçadas recebiam sobre o rosto o impacto dos reflexos do fogo, manchas sombrias e douradas que dançavam nas expressões ao mesmo tempo perplexas e alarmadas.

DIÁRIO DE CAMPANHA

São três dias já acampado nesta colina, numa clareira entre as árvores, onde armei a barraca de lona. Mais uma vez, em todos esses anos de minha vida, aguardo a vinda do inimigo. É uma espera paciente, cautelosa, porque sei que ele existe, que ele sempre existe, embora até hoje não tenha mostrado frontalmente a sua verdadeira face. Todavia aprendi a reconhecê-la em muitos indícios iniludíveis sobre a sua existência: a folha murcha e amarelada de malva encontrada na gaveta; o sentimento súbito e definitivo da perda do amor; aquele grito estrangulado e distante de um estranho animal no coração da noite; a mancha de zinabre na lâmina do punhal.

Enquanto aguardo, acendo fogueiras sob as estrelas. Gosto de ouvir o ruído dos bichos noturnos, quando se estremecem os arbustos e estralam folhas secas sobre o chão. Às vezes caminho no escuro seguindo as conhecidas trilhas do bosque. Demoro-me a olhar, à beira do patamar de pedra, as luzes diminutas da pequena cidade longínqua, lá embaixo. Durante o dia, posso mesmo ver o segmento pardacento dos telhados que se confundem na distância. Então imagino revoadas de pombos sobre os telhados. Assalta-me o pensamento de que populações inteiras podem viver em paz, com os seus sonhos e o seu trabalho. Entretanto reconheço que isto nem sempre é possível. Você pode sempre perceber um sinal enganador, um vestígio enigmático ou cruel no rosto mais perfeito.

Certa noite, à beira do patamar de pedra, vi que a pequena cidade longínqua estava em festa. As luminárias, os fogos de artifício desenhavam um halo fosforescente, claro semicírculo por cima do casario. “Será possível tanta felicidade?”, pensei comigo. Depois compreendi que aquilo não passava de uma ínfima esfera cintilante, sem maiores significados. “Ah, você não me engana!”, disse comigo, desta vez pensando nas ciladas que nos pode tecer um inimigo.

Ontem, quando despertei pela manhã tendo sobre os olhos um impertinente raio de sol, o canto das cigarras compunha uma orquestra ruidosa, cheia de verão, de alegria, derramando-se da copa dourada das árvores por todo o bosque. Levantei rápido, tomei o meu café esquentado numa lata sobre brasas e segui pela trilha do sul, descendo uma breve escarpa, até chegar próximo do grande lago. Ali sentei numa pedra e fiquei a contemplar o espelho de águas azuladas, o grande lago pontilhado de ilhotas verdejantes, sobre o qual voavam pássaros de tantas cores. Sem dúvida, mergulhava em cismas ingênuas e românticas, indignas de um combatente. Mas eis que, de modo súbito, comecei a ouvir o pipocar de um motor de popa, cujo som aumentava a cada instante, parecendo vir por detrás de uma touceira de caniços, quase no centro do lago. Em seguida ecoou uma voz forte que gritava: “ôeeeôôô!” Fiquei com os sentidos alertas. “É ele que chega! Enfim, vai começar a luta!”

Como de outras vezes, estava enganado. Serpenteando as ilhotas, surgiu o pequeno bote dentro do qual, sentado ao leme – e a exhibir o largo tórax nu denso de pelos – achava-se o gigantesco caçador de centauros. Já me haviam advertido de sua existência. Todos sabíamos

que nesta região nunca existiram centauros. Mas ele, o caçador que desde a infância escutava uma voz que o incitava ao cumprimento dessa missão, seguia imperturbável a sua busca obsessiva.

Na tarde deste mesmo dia recebi mensagem de um companheiro de guerrilha. Tratava-se de mensagem em código do Alto Comando. Desdobrei o papel com dedos ansiosos e li o que estava escrito em letras trêmulas, traçadas com tinta de um vermelho sanguíneo: “Entreaberto o portão do amor”.

Compreendi logo que se referia a uma trégua do inimigo. Eu podia agora desarmar tranquilo a barraca de lona, descer a colina e perder-me de novo na cidade por mais algum tempo.

O TUBO DO SR. LENARD

- Temos aqui - disse o sr. Lenard - este tubo de vidro de aproximadamente 4 cm de diâmetro. Está hermeticamente fechado nas extremidades.

As três pessoas que o visitavam olharam atentas.

- Pois bem - continuou o sr. Lenard - vamos agora fundir dois terminais de metal em cada extremidade do tubo. Podemos chamá-los de "eletrodos". Estão vendo? Eles são mais ou menos equivalentes aos terminais de uma tomada comum, exceto que estão separados e têm formas diferentes.

As três pessoas acenaram a cabeça em concordância, mas pareciam um tanto perplexas. Continuou o sr. Lenard:

- O passo seguinte é aplicar um potencial de alguns milhares de volts entre os terminais. Com esta bomba de vácuo sugamos o ar do tubo, baixando assim a pressão no seu interior. Observem agora o tubo contra este fundo escuro!

O sr. Lenard apagou as luzes da sala que ficavam do outro lado dos visitantes e fez baixar por trás do tubo um cortinado escuro.

- Os senhores podem ver alguma coisa?

Com a atenção mais aguçada, as três pessoas puderam ver um feixe fino de luz vermelha mover-se no interior do tubo de um eletrodo para outro. "Oh!", exclamaram elas, admiradas.

- É isso aí! - o sr. Lenard começava a se entusiasmar. Agora vou baixar um pouco mais a pressão. Observem!

O fino feixe de luz foi então se tornando mais denso e por fim preencheu o espaço entre os eletrodos. Perto de um deles nasceu uma camada de um azul brilhante. Houve a exclamação: “oh!”

- Se eu continuar a refazer o ar no tubo - disse Lenard - a região azul brilhante irá se transformar numa camada estreita de luz vermelha perto do... aqui, olhem... do eletrodo de uma das extremidades do tubo. Logo a seguir a uma região escura vai aparecer uma coluna de luz azul bem fraca, que é a parte mais pálida dessa descarga elétrica, conhecida como “brilho negativo”. Mais adiante esse azul vai começar a se desbotar gradualmente, sempre mais, até se transformar noutro espaço escuro, seguido de outra região, violeta avermelhada, conhecida como “plasma”.

Enquanto falava, o sr. Lenard ia retirando ar do tubo e, de fato, as sequências de cores apareciam no interior do tubo, sob as exclamações de “oh!” dos visitantes. Não havia mais o que fazer, o experimento estava encerrado. Levantando o cortinado escuro e acendendo as luzes de fundo, o sr. Lenard concluiu, sucinto:

- Este tubo, fruto de experiências em fins do século XIX, de certo modo fez parte da origem de uma coisa extraordinária: uma revolução microeletrônica já em andamento, que vai apagando as fronteiras entre a existência e a aparência. Cada vez mais seremos, como nos sonhos, fantasmas de uma realidade virtual. As comunicações pessoais ficarão extremamente reduzidas e os eventos do mundo serão puras imagens televisivas (cada monitor com um destes tubos em seu bojo, naturalmente diversos na forma, conforme o correr do tempo e os progressos técnicos). Haverá

diferença entre o significado e o significante? Eis uma pergunta curiosa, a ser respondida no futuro. E por certo – acrescentou o sr. Lenard, com uma expressão um tanto sinistra – acontecerão ações virulentas difundidas pelo ciberespaço, catastróficas para os indivíduos e para a estabilidade da vida econômica e política internacional. É claro que outros conceitos e ideologias substituirão os atuais e aquilo que hoje parece sustentar nossa cultura, as artes, as letras, a filosofia, até mesmo as religiões, todas, diga-se de passagem, contendo já uma forte carga de virtualidade, seguirão por certo outros rumos. Vocês podem acreditar, meus amigos: o que hoje existe, tal como ainda se apresenta, na verdade, em parte, já acabou.

Com um melancólico meio sorriso, finalizou o sr. Lenard:

– Terminaremos um dia, é claro, por encarar tais coisas com naturalidade, como quase sempre acontece. Mas exibir agora as belas cores do funcionamento interior primitivo deste tubo não deixa de ser um exercício curioso, vocês não acham?

HE, HE, HE, HE!

Ao redor da ampla mesa de reuniões, cinco indivíduos impecavelmente bem-vestidos (de terno, gravata e sapatos lustrosos) trocavam ideias como se fossem pequenas moedas, alguns fumavam despreocupados, até que o homenzinho de baixa estatura, face rechonchuda e cabeça inteiramente calva, disse sem qualquer propósito:

- Mas vejam o exemplo de Jean de Léry...

- De quem? - perguntou logo o indivíduo a sua frente com certa displicência, enquanto os demais suspenderam as conversas e ficaram a prestar atenção.

- Jean de Léry, naturalmente. Não conhecem? O autor de *Le voyage au Brésil*, um huguenote francês que visitou o nosso país por volta de 1557 e conviveu por algum tempo com os índios tupinambás.

Ao redor da mesa os rostos assumiram uma expressão dúbia e expectante. Mas o homenzinho de face rechonchuda varreu a sala com os seus olhinhos afiados de toupeira e continuou com naturalidade:

- Por ocasião de uma cerimônia da tribo, decidiuse que Jean de Léry e seus dois companheiros ficariam na casa onde estavam as mulheres tupinambás. Ali se reuniram cerca de duzentas mulheres. Jean de Léry achava-se um tanto inibido, não sabia o que deveria fazer, quando de repente começou um barulho bastante forte na casa onde se encontravam os homens da tribo, a uma distância de trinta passos da casa onde estavam os franceses e as mulheres. O som se assemelhava a um murmúrio de muitas vozes em oração.

- Vejam, meus amigos - continuou o homenzinho -, duas casas, uma cheia de mulheres (exceto Léry e os companheiros) e a outra cheia de homens que murmuravam alguma coisa indistinta! Mas quando as mulheres ouviram o ruído, todas se puseram de pé com os ouvidos aguçados, aproximando-se uma das outras na formação de um grupo compacto. Logo em seguida, os homens elevaram suas vozes e se percebia então com clareza que eles cantavam em coro, repetindo muitas vezes uma interjeição com a qual pareciam se incentivar ou entusiasmar cada vez mais: “He, he, he, he!”

O espanto maior de Léry foi quando as mulheres passaram a responder usando da mesma interjeição: “He, he, he, he!” A coisa se foi intensificando até tornar-se quase um delírio. As mulheres saltavam a grandes alturas, os seios trepidando, muitas choravam, outras desmaiavam com as bocas espumantes, como se fossem acometidas de ataque de epilepsia.

O homenzinho de face rechonchuda e cabeça calva levantou-se de súbito, muito entusiasmado, arrastando com o corpo a cadeira para trás:

- Já imaginaram? - disse ele. Já imaginaram a cena e também o pavor que deveria estar sentindo Jean de Léry? Aquelas duzentas alucinadas mulheres nuas a pularem com os seios trepidantes e a gritarem “he, he, he, he”?

E ele próprio, o homenzinho, começou a saltitar enquanto exclamava:

- Assim, olhem! He, he, he, he!

A sua frente as expressões eram de puro assombro. Em seguida, o homenzinho voltou ao seu lugar, sentando-se de novo na cadeira, mas agora silencioso e como que acabrunhado. Mergulhou o rosto sobre as mãos

durante alguns instantes, os cotovelos apoiados sobre a mesa. Depois suspirou, varreu lentamente a sala com os olhinhos de toupeira e disse:

- Por fim a algazarra foi diminuindo. As mulheres emudeceram e Jean de Léry pôde ouvir os homens da outra casa cantando maravilhosamente em coro. Um canto sublime, de extraordinária beleza. Jean de Léry ficou encantado, não resistiu à tentação de querer vê-los. As mulheres porém procuraram retê-lo, pois conheciam a proibição e sabiam que ninguém dali poderia ir até onde estavam os varões da tribo. No entanto, Jean de Léry e os dois companheiros conseguem ir até lá. Nada lhes acontece e eles então participam da festa.

O homenzinho, antes de calar-se completamente, ainda falou em voz baixa e com ar sonhador:

- Um canto sublime, de extraordinária beleza!

Houve um silêncio de perplexidade e desconforto na sala, que não durou muito tempo, pois logo alguém acendeu um cigarro, alguém tossiu, alguém tamborilou a mesa com os dedos, alguém perguntou pela hora e alguém cochichou no ouvido de outro:

- Esse sujeito deve estar louco. Vir com esse tipo de conversa para uma reunião cujo objetivo é discutir o projeto publicitário da Empresa no decorrer deste ano!

CONTAS DE VIDRO

As cinco primeiras peças foram trazidas por Mário, que trabalhava numa relojoaria. Não que tivessem alguma relação com qualquer das peças de um relógio; eram apenas diminutas contas de vidro sem valor, de formatos e cores diversos. Mas o simples fato de sabermos que Mário trabalhava numa relojoaria eliminava todo o espanto que eu e a prima Júlia pudéssemos demonstrar, pois sempre imaginamos que seria possível encontrar-se numa relojoaria as coisas mais espantosas e insensatas. Naquela época eu não fazia nada; havia sido despedido da fábrica de conservas. A prima Júlia, que tinha 50 anos, cozinhava para nós todos, talvez porque fosse um tanto surda e também, é claro, porque tivesse 50 anos.

Prima Júlia e eu valorizamos de imediato (havia uma ponta de dissimulado exagero) aquelas contas de vidro, cumprimentando Mário pela sua ideia tão inspirada. Afinal, era o Mário quem sustentava a casa e por certo necessitava de nosso apoio moral em tudo que fizesse. Alinhei em seguida as cinco pecinhas sobre a mesa da sala de jantar, buscando criar com elas figuras interessantes ou engraçadas, mas prima Júlia logo percebeu que pouca coisa poderia ser feita. A experiência não foi além de alguns segmentos de retas, um pequeno triângulo, um “L” maiúsculo, uma cruzinha.

Na tarde seguinte as possibilidades criativas aumentaram de modo considerável, pois Mário apareceu trazendo mais quatro peças. Então eu pude imediatamente formar o contorno de uma lemniscata,

uma figura que vi certa vez num livro de geometria e que se parece com um oito deitado, sugerindo-me na ocasião angústias ou esperanças infinitas. Quando viu aquilo, prima Júlia exclamou: “Que coisa curiosa! Um laço de fita!” Precisei aproximar a boca do ouvido dela para gritar, esforçando-me em pronunciar bem as sílabas: “É uma lem-nis-ca-ta!” Curvada como estava sobre a mesa, ela me lançou um olhar demorado de baixo para cima e disse: “Entendo”. Foi quando Mário começou a rir com o seu riso gorgolejante: “Ela não está entendendo nada!”, exclamou.

Outras figuras puderam ser feitas com as nove peças. Por exemplo, um escaravelho sem pernas. Mas nenhuma delas despertou maiores interesses, pelo menos para prima Júlia. Devo confessar que o ar aparentemente estúpido, a quase surdez e o laconismo de prima Júlia pareciam a carapaça de uma tartaruga, em cujo interior se escondia um espírito diabolicamente refinado que alimentava aqueles sonhos impossíveis dos artistas insatisfeitos.

Quase todos os dias, desde então, Mário aparecia trazendo pecinhas adicionais. Eu não poderia jurar que fosse, da parte de Mário, algo de proposital, qualquer intenção sutil para testar a nossa pesada inutilidade. Mas a verdade é que um permanente desafio de criatividade acaba, mais cedo ou mais tarde, por se tornar o mais infernal dos castigos. As construções que eu fazia eram por vezes belas e poderiam ser chamadas de talentosas, pelo menos na minha opinião, mas prima Júlia conseguia sempre encontrar nelas algo de repetitivo, um traço de estabelecida conformidade, um *déjà vu* de algum outro tempo ou espaço. Certo dia, exasperado ao máximo, gritei

para ela num desafio: “Pois então faça você mesma algo melhor ou desapareça de uma vez por todas da minha frente!”

Deus do céu, por que fui dizer tal coisa? Aquele ato de insensatez e desespero deixou-me arrasado pelo resto do dia e provocou-me um sono inquieto, pontuado de pesadelos, durante a noite. Prima Júlia não merecia tamanha desconsideração, ainda que na aparência não tivesse demonstrado maiores preocupações.

Aconteceu apenas que, no dia seguinte, sobre a mesa da sala de jantar, havia aquela estranha construção figurativa de dezenas de contas de vidro, única na sua expressividade de cruel colorido, como toda obra de arte renovadora e indescritível.

Desde então, nunca mais vimos a prima Júlia. Por isso, vivo permanentemente desolado e tendo de fazer os serviços de cozinha. Mário no entanto continua trazendo diariamente as suas contas de vidro da relojoaria, como se nada houvesse acontecido ou como se ainda houvesse alguém demais na casa.

♦ OUTROS RELATOS ♦

GROTESCA ARMAÇÃO

O martelo bateu duas vezes, rápida e violentamente, na nuca. Na segunda vez pareceu afundar uns milímetros na cabeça. Nadir soltou um grito nervoso quando o velho começou a cair, o sangue escorrendo pelo pescoço e ombros. Ele ainda tentou se apoiar cegamente em alguma coisa, as mãos agarraram o vestido de Nadir, que se rompeu e ela ficou de calcinha e com os seios à mostra. O velho estatelou-se, caindo de borco sobre uma poça de sangue.

Então percebi a enorme, irremediável besteira que havia feito. Um calafrio percorreu meu corpo, subindo dos testículos à garganta. Nadir chorava histérica, encostada à parede, toda encolhida: “Ele está morto! Ele está morto!”, dizia entre gemidos. Num esforço para me dominar falei para ela:

“Não adianta perder a cabeça e ficar desse jeito”.

Mas ela parecia não escutar, a boca aberta, o rosto contorcido a olhar para mim, emitindo um espasmo de choro meio alucinado e cheio de nojo. É estranho, mas num lapso de instante me dei conta de que ainda segurava o martelo sujo de sangue e, nesse átimo, tive a impressão de ver a mim mesmo sob a luz amarela da lâmpada da sala com aquela arma pendente de meu braço, como se eu estivesse num outro espaço, num plano diverso, mais solitário, mais frio. Com um gesto brusco atirei o martelo para longe. Era sem dúvida uma situação sem retorno. O que fizera estava feito. Agora era preciso assumir os acontecimentos sem vacilações, prolongar o maior tempo

possível a carga de suas inevitáveis consequências. Era preciso dar um fim ao cadáver, limpar o chão, sair daquela casa. Tudo havia acontecido repentinamente, de modo inesperado.

Era preciso agora que as providências também fossem rápidas.

“Vai lá no quarto, põe uma roupa. Vamos levar o corpo pra longe, no carro” – eu disse.

Nadir continuou do mesmo jeito, na mesma posição. Fiquei irritado, gritei áspero: “Anda, porra, me ajuda!”

Parece então que ela começou a compreender a situação em que nos havíamos metido. O torpor mental foi desvanecendo, uma expressão inteligente começou a refletir-se em seu rosto, ainda que apresentasse sinais de apreensão e medo. Como um autômato foi andando para o quarto.

Virei o corpo do velho de barriga para cima. O sangue na cabeça começava a coagular. Não foi fácil arrancar os trapos do vestido de Nadir seguros entre os dedos que se enrijeciam. Fui juntando os farrapos de tecido numa maçaroca, embrulhei tudo em folhas de jornal. Aquilo teria de ser queimado depois. Deixei também para depois a limpeza do assoalho sujo de sangue.

Lá fora, liguei o motor da Variant, já fora de linha, que o velho entregara a Nadir para seu uso. Deixei a máquina esquentar, depois encostei o carro com o porta-malas aberto a poucos passos da porta da sala. Penosamente, conseguimos carregar para o veículo o corpo embrulhado e amarrado num cobertor. Nadir limpou o ferimento da nuca, pusera sobre ele um chumaço de algodão sustentado por uma larga tira de esparadrapo. Talvez assim fosse possível evitar que não escorresse sangue no carro. A sua

crise parecia ter passado, mas ela ainda mostrava sinais de nervosismo, estava distante, abrigada numa barreira de silêncio e uma expressão de rancor, evitando olhar-me sempre que possível.

Eu estava fazendo aquilo tudo sem premeditação, sem cálculo nenhum, queria somente me livrar daquele corpo inerte e não deixar vestígios do acontecimento. Na verdade, todos esses esforços eram não mais que um canhestro expediente para ganhar tempo, adiar a descoberta do crime (de repente a palavra crime invadiu-me a consciência, adquiriu um peso terrível e inquietante). Interiormente eu sabia que seria impossível ocultar por muito tempo os fios que nos ligavam ao breve convívio que tivemos com aquele velho. Como explicar o nosso relacionamento? Como dizer que a sua morte havia sido um puro acaso, resultado de um deplorável momento de ódio, de irrefletida exaltação? Como fazer crer que para nós, para mim e Nadir, a vida daquele velho era mais importante que a sua morte?

Não me lembro que horas deveriam ser, duas ou três da madrugada. Acendi a luz alta e saímos pela trilha marginada de arbustos e folhagens do sítio em que estávamos, percorrendo a estrada de barro batido e ganhando a via asfaltada para a BR-101. Uma larga manta de lona cobria o corpo do velho, enrolado no cobertor, deitado de lado e um tanto encolhido no porta-malas. Deveríamos atirá-lo no mar, de um despenhadeiro no alto do Morro do Boi, no caminho para Camboriú. Eu havia passado por ali, naquela pequena área pedregosa à margem da rodovia, há muitos anos atrás, com um amigo. O curioso é que, na ocasião, enquanto olhávamos lá embaixo o mar agitado que se chocava contra os

rochedos, lembro haver dito para ele em tom brincalhão: “que belo lugar para se atirar um cadáver”. O mais curioso, todavia, é que aquele recanto apareceu-me súbito na memória, no momento em que liguei o motor da Variant, ao sair do sítio.

Aquela hora, só mesmo um azar dos diabos poderia levar-nos a encontrar alguém que suspeitasse do que fazíamos. ABR estava tranquila, com o movimento normal dos caminhoneiros e um que outro automóvel ou ônibus em viagem. Próximo ao local, cerca de vinte minutos depois, fui diminuindo a velocidade, depois entrei no descampado, estacionando quase à beira do precipício. Desci sozinho da Variant, sentindo o vento frio que vinha do mar. O chão estava coberto de lascas de granito, entre esparsos tufo de capim. De pé sobre a pedra lisa e larga, que formava uma espécie de parapeito, examinei a rampa íngreme a descer obliquamente, inclinada para dentro, até o mar. Era um abismo formado por uma sequência de blocos de granito, acidentada, com arbustos ordinários nos interstícios, composição de saliências e fundas depressões. O mar, lá embaixo, era uma mancha escura e móvel que, ao se chocar contra o barranco, desenhava um filete de espuma quase luminosa ao redor das pedras.

Não sou um cara insensível. Longe de mim sentir qualquer tipo de prazer em ter de jogar um corpo humano naquele perau, como se fosse um bicho. Além disso, o velho, que ingenuamente entrara de otário num jogo armado por mim, com o consentimento de Nadir, não era de todo um mau sujeito. Posso dizer que vivemos um período de total tranquilidade, em que os propósitos de nós três, do velho, de Nadir e meu, se harmonizaram sem problemas. Ele era generoso, Nadir e eu nos esforçávamos para agradá-lo.

Eu podia permitir que ele fosse para a cama com ela uma ou duas noites por semana porque, embora não deixasse de ser uma ratoeira suja, toda a armação tinha sido um desesperado recurso para aliviar a nossa pesada barra financeira. Mas eu não poderia prever que o velho acabasse se apaixonando por ela feito um idiota, que quisesse ficar com ela de modo definitivo e exclusivo e que, naquela noite, depois de encher a cara de uísque, tentasse me agredir e me expulsar daquela casa. Eu até que teria conseguido evitar o crime, mesmo depois da porrada que passou de raspão pelo meu queixo, não fosse aquele martelo sobre a cômoda, bem ao alcance da mão, esquecido ali por Nadir, que o usara durante a tarde. Enfim, tudo saíra errado. O furor momentâneo e o acaso levaram-me ao ato fatal. Por isso tinha agora de usar a cabeça com a maior frieza, procurar o controle das coisas até onde desse, evitar que sentimentos mais brandos me amolecessem o espírito.

Voltei para o carro. Nadir continuava sentada no banco dianteiro, o corpo um tanto curvado, os braços estendidos com as mãos unidas colocadas entre as coxas, como se estivesse com frio. Tinha o olhar absorto e perdido em algum ponto não identificado a sua frente.

“Vamos fazer mais uma forcinha para acabar logo com isso” – eu disse.

Ela ergueu a cabeça ligeiramente e ficou assim durante alguns instantes, com o rosto levantado na minha direção, mas como se não me visse ou não tivesse entendido o que eu havia dito. Depois abriu a porta e saiu do carro, sem dizer palavra. Naquele instante tive a certeza interior de que o frio cadáver do velho se colocara irremediavelmente entre nós dois e que ali permaneceria daqui para frente enquanto estivéssemos juntos.

Seguro pelas extremidades, erguemos o corpo e começamos a balançá-lo para um lado e outro, à beira do perau, num movimento de vaivém, lançando-o finalmente para longe num impulso sincronizado. Não sei se alcançou o mar ou se ficou entalado entre as pedras. A sorte fora lançada. Nadir retornou quieta para o carro. Da borda do perau nada podia ser visto além da sombra das saliências ao longo da rampa e da mancha escura das grandes pedras lá embaixo, batidas pelo mar. Havia uma estranha sensação de vazio dentro de mim enquanto, de pé, na borda do abismo, olhava aquela paisagem noturna ali na frente. Passei a senti-la como uma premonição, uma certeza antecipada, algo sinistra, incontornável, do que viria a acontecer mais cedo ou mais tarde.

(2000)

INOCENTE ÚTIL

Fazia algum tempo que, mesmo contra a vontade, pensava em sapatos na estrada. O pensamento surgia inadvertido, misturado a outros difusos pensamentos de significado também indecifrável. De repente, eles surgiam, os sapatos na estrada, na vereda da floresta de imagens multiformes que lhe assombravam a cabeça durante a vigília dos dias, os atormentados sonhos da noite. Eram velhos, tortos, sujos e a estrada longa e poeirenta a estender-se indefinida entre campinas desertas.

“Em que está pensando?”, indagava Marcela quando o visitava e ficava a olhar para ele com aquela expressão meiga e ansiosa que parecia reprimir alguma coisa de doloroso a esconder-se por detrás. “Em que está pensando, diga!”, ela repetia insistente.

Mas os olhos dele logo se desviavam do rosto de Marcela, vagavam pela sala asséptica e quase nua do sanatório, iam pousar distraídos sobre o recanto de jardim além da janela, sobre o banco solitário debaixo de uma velha árvore, no qual sentavam às vezes senhoras desconhecidas de rostos preocupados.

Na verdade, desde há muito as conversas e os acontecimentos ao redor deixaram de interessá-lo. Até mesmo quando a figura tranquila, levemente obesa do médico vinha até o apartamento em que estava e era quando a voz de Marcela se tornava mais baixa e eles se afastavam para a saleta ao lado e acontecia algumas vezes o diálogo, cúmplice, quase culposos, que se tornava ultimamente sempre mais confidente.

“...um homem antes confiante, que amava a vida...”

“...afinal, por que o prenderam?”

“...um engano. Havia os seus amigos comunistas, que eram intelectuais e ele os admirava por motivos além da política...”

“...entendo, um inocente útil...”

“...ora, doutor. Isto é apenas uma expressão, sem nenhum significado fora da militância política, apenas um chavão da época. Não existem inocentes úteis, porque ninguém é inocente neste mundo. Aqueles comunistas eram seus amigos, independente de qualquer conotação político-partidária”

“...no mundo em que vivemos, isto parece algo irreal...”

“...talvez. O mundo em que vivemos é muito complexo, cabem nele estranhas diferenças...”

“...hum! Isto me parece interessante! Mas como tudo aconteceu?”

“...simplesmente o prenderam, com base em suspeitas infundadas. Assim como o senhor, talvez o tivessem considerado um “inocente útil”. Dois militares da Marinha (*ele* era funcionário civil da Marinha) vieram buscá-lo. Depois o enviaram para o Exército, em outra cidade. Por quê? Não sei. Um dia me telefonaram para que fosse buscá-lo. Quem eu trouxe de lá foi esse seu paciente... Agora diga-me, doutor, que acha de tudo isso?”

“...do meu ponto de vista, acho que o ser humano ainda é prisioneiro de suas ideias e ideologias, frutos de ambições e interesses pessoais. Esta prisão mental é a geradora de conflitos e guerras. Os *revolucionários* do Brasil de 64 combatiam o comunismo, influenciados pela América do Norte durante a guerra fria. Prender ou

matar pessoas contrárias ao seu ideário fazia parte desse compromisso. Os que não participavam disso tinham que manter a mente alerta. Os regimes discricionários existem exatamente para eliminar opositores. Acho que o seu irmão não percebeu essa pequena diferença...”

Ah, ah, ah, ah! Ele estava achando aquilo estranhamente engraçado! Agora esse tipo de conversa soava indiferente, sem qualquer relação perceptível com o seu atual universo. Ele nem mesmo conseguia entender o significado das sentenças e nada mais lhe importava. Há quanto tempo estava ali? Não tinha consciência. Poderiam ser anos ou séculos. Objetos e pessoas, vários e passageiros, desfilavam a sua frente, acabavam por serem esquecidos. Somente – e com frequência cada vez mais decisiva – assaltavam a imaginação e nela se fixavam aquela estrada a estender-se infinita entre campinas desertas e aqueles sapatos velhos, tortos, sujos, às vezes sob a chuva, outras sob o sol, indiferentes aos rigores do frio ou à encantação dos crepúsculos.

Havia paz nessa paisagem de climas e luzes mutáveis, como um brilho de prata fulgurando no escuro. A paz que sempre buscava. Havia também o ar translúcido e sereno, o perfil distante de montanhas ao fundo, como bandeiras silenciosas no horizonte. E os sapatos solitários, imóveis, que não pertenciam a ninguém, abandonados na estrada, como resíduos talvez de uma leitura hoje esquecida.

Não mais importava que acordasse à noite banhado em suor, após debater-se num sonho agitado e cheio de horrores. Elas vinham, nesses sonhos, as figuras infernais. Eram sombras de formas humanas que desciam as escadas para o porão infecto. Depois as vozes ásperas,

indagadoras; os gritos de dor do homem amarrado sobre uma mesa, que se transformavam em pequenos círculos de fogo, como brasas de cigarros amassados sobre o corpo. Era isso, um chuveiro de estrelas ígneas no espaço escuro, brasas amassadas sobre o corpo. Mas não era só isso, não era só isso. O espremer dos testículos, as porradas na cara, as perguntas insistentes a respeito de fatos que o homem não sabia. E então ele acordava gritando, o rosto banhado em suor.

Aos poucos, no entanto, tudo acabava sendo esquecido. Porque, ali, diante e dentro de seu espírito, lentamente iam florescendo campinas e ali estavam as montanhas longínquas, os solitários sapatos na estrada.

Um dia, a frase exótica surgiu-lhe na mente. Um poema lido certa vez no passado? As palavras dançavam na memória:

“...the force that through the green fuse drives the flower...”¹

Não importava. Nada mais tinha significado. A frase era como se houvesse tomado um calmante. As figuras da noite eram nada. Tudo era nada. A não ser aquele pássaro que vinha nascendo sobre a estrada. Que era aquilo?

Um pássaro cintilante sobre a estrada deserta, como uma flor que viesse do reverso de todas as coisas, fria e purgatória fonte de transcendências.

(2007)

1 “A força que através do verde estopim energiza a flor”. Verso (incompleto) de Dylan Thomas.

QUASE TRÊS HORAS EM CANDEIAS

(*Para Dennis Radünz*)

Ao desembarcar em Candeias, às cinco horas da tarde, vi de imediato que a cidade não tinha torres de alumínio nem castelos com ameias e pontes levadiças. Era como se a cidade corresse por dentro de sete outras pequenas cidades modernas, por isso era impossível não encontrar todas as referências naquelas cinco ou seis ruas que saíam da Praça General Epaminondas, próxima da rodoviária.

D. e V. estavam à minha espera. D. era amigo do prefeito e podia escolher qualquer mulher ou quarto onde pudesse amar e dormir. Infelizmente o prefeito neste dia estava em outra localidade visitando as bases, naquele período de efervescência eleitoral. V. havia desembarcado às três horas da tarde e já havia bebido oito latinhas de cerveja.

Fomos caminhando por uma rua plana e larga na direção dos edifícios que formavam o que se podia chamar de Centro Cultural de Candeias. Deveríamos ir direto para o Cine Teatro Cultura discutir as coordenadas de um projeto artístico de nosso interesse, razão da vinda minha e de V. até aqui. Mas V. insistiu para que passássemos antes pela lanchonete. Assim, sentados em torno de uma mesinha de mármore, na lanchonete, pudemos ver, através das paredes envidraçadas, a videolocadora Cultura um pouco adiante, a enorme antena da Televisão Cultura e um caminhão-tanque com água estacionando na rua, quase na frente da Galeria

Municipal de Arte. Como em muitos lugares de hoje, tinha-se a impressão de “uma sombria brisa de sirenes cimentada sob o eco das passadas”. Enquanto estávamos ali, V. bebeu seis latinhas de cerveja. Depois disso saímos da lanchonete e nos dirigimos finalmente para o Cine Teatro.

“É muito curioso, não fui informado disso”, disse D. logo à porta do Cine Teatro, olhando o cartaz na parede que anunciava um espetáculo para aquela noite. *Ildefonso, o magnífico*, estava escrito ali, grandes letras desenhadas com pincel em tinta azul sobre papelão amarelo.

Uma semiobscuridade dominava a plateia, quando entramos. A sala parecia conter cerca de duzentos assentos, quase todos vazios, exceto na primeira fila, logo abaixo do palco, onde estavam cinco pessoas sentadas. Na semiobscuridade, eram silhuetas irreconhecíveis. O homenzinho no palco, sim, era ele quem atraía todas as atenções. Baixo e magro, rosto melancólico e débil, apoiava a bunda sobre uma banquetta redonda, por trás de um estranho sistema mecânico formado de uma haste metálica, na extremidade da qual se encaixava uma gaita de boca, e uma armação de pedais para que, com o uso dos pés, pudesse ser executado um tambor. Pois o homenzinho estava com os pés descalços e não tinha os dois braços. Era um homem sem braços.

“Sou capaz de apostar que é Ildefonso, o magnífico, ensaiando o seu número para hoje à noite”, cochichou V. com expressão divertida e a voz um tanto sonolenta. D., V. e eu sentamos então em poltronas na última fila e ficamos à espera de alguma coisa, que ignorávamos completamente o que pudesse ser.

Não se fez esperar a magnificência de Ildefonso. Uma coisa incrível! Começou com um rataplã intolerável e rápido e, no entanto suave, quase silencioso, do tambor. Em seguida, aproximou o corpo da haste metálica e abocanhou a gaita. Naquela semiobscuridade da plateia e do palco, tivemos de súbito a impressão que mil setas dardejavam no espaço, sibilantes, cintilantes, sorrateiras, ou que mil carochas voavam atônitas, agitando asinhas metálicas, enquanto Ildefonso mexia desenfreadamente os pés sobre os pedais e sua cabeça, como uma engrenagem perfeita, voltava-se com rapidez quase desesperada para um lado e outro, a boca deslizando sobre a gaita, na interpretação de “O voo do besouro”, de Rimsky-Korsakov.

Ficamos ali cerca de uma hora, sedados pelo repertório de música clássica ligeira daquele inacreditável homem sem braços. Em algumas composições, seus olhos faiscavam acesos como os olhos de um demônio, enquanto a boca zunia de lá para cá, de cá para lá, sobre a gaitinha.

Ao terminar o ensaio, saímos do Cine Teatro e D. conseguiu para mim, às sete e quarenta da noite, um lugar numa Kombi que vinha para a Ilha, atravessando a Ponte. Já fora dos limites de Candeia, num terreno baldio, havia uma imensa fogueira. Por trás dela, a cidade era um halo fosforescente a incendiar o espelhinho retrovisor esquerdo da Kombi.

(2008)

ASSOCIAÇÕES CAÓTICAS

Todos sabem que no princípio era o caos e depois disso Deus fez a luz. Que a luz (a sua totalidade e, para nós terráqueos, a sua quase instantaneidade) seja um importante fator para o pensamento criativo, talvez, fora da mediania cotidiana, ninguém duvida, mas e o caos?

Eu perguntava isso para Dioclécia, quando entrávamos naquele elevador que nos levaria ao 21º andar do edifício das Benfeitorias Eternas da Administração Regional. Dioclécia andava sempre vestida de palhaça, com aquela calça *jeans* vermelha, a blusa de seda verde e o tênis com arabescos de várias cores. Os cabelos eram uma maçaroca ruiva encaracolada. A meu ver, índice de que a complexidade excessiva é geradora do caos. Devo confessar que a admiração que eu nutria por Dioclécia vinha somente da sua inteligência louca e sutil, que se manifestava através de perguntas irrespondíveis, como por exemplo: “Por que 86,7% da humanidade é composta de idiotas?” E também porque naquele instante e naquele elevador, ela me disse: “O caos de hoje não é o mesmo caos de ontem.”

Eu sabia disso. O caos de hoje não é o mesmo caos de ontem. Sentia isso enquanto o elevador acelerava, provocando uma espécie de vácuo que passava pelo estômago. O caos de ontem era a confusão, a anarquia, a bagunça incompreensível, o ilógico. Era o caos que contrariava a mecânica newtoniana, tão certinha, tão lógica e ligada a “condições iniciais matemáticas” do universo físico exterior, sem nenhuma atenção

ao universo interior de nós todos, os seres humanos. Era o universo previsível, determinístico, da linha de montagem, da perspectiva, do ponto de vista, o universo explicado da tela renascentista pendurada na parede.

“E hoje, capitão?”, atalhou Dioclécia.

Eu tinha uma sentença de Ilya Prigogine, esse mestre da moderna ciência, gravada na cabeça e aproveitei o momento: “Hoje vivemos uma reconceituação da física, que aproxima o mundo interior do mundo exterior.” Enquanto o elevador subia e Dioclécia sentava no chão e olhava pra mim, com ar de gozação, eu disse: “Olhe, é uma simples e talvez inadequada ilustração: Picasso e Braque, em seu tempo, de certo modo anteciparam intuitivamente o holograma e até mesmo os fractais. Sabe lá o que é isso? Anteciparam com as suas experiências mentais, sem o auxílio de computadores. Romperam, de modo radical para a época, com a tradição mecânica na arte e criaram, em teoria, numa estética de conotações geométricas, um universo multifacetado, interior e exterior, sem perspectivas, mas ainda assim ‘interpretável’. Uma primeira visão avançada do caótico significativo. Pois esse é o caos de hoje: sistemas dinâmicos de grande complexidade, imprevisíveis, mas que, pelo menos em alguns deles, podem ser percebidos padrões. Se as telas do cubismo continuam penduradas em paredes e sejam em si mesmas estáticas, elas no entanto já sugerem sistemas dinâmicos, interação dinâmica de elementos. Aquele clique criador dos grandes artistas que acendem uma luzinha no centro do furacão.”

Dioclécia puxou um cigarrinho do bolso da sua calça *jeans* vermelha, acendeu-o, aspirou fundo, perguntou:

“E nós?”

“Nós?” Fui curto e grosso: “Meros figurantes da dança cósmica de todos os elementos, com a pequena vantagem de que, cada vez mais, vamos tomando consciência da interdependência e irreversibilidade dos acontecimentos quase sempre probabilísticos do universo. Irreversibilidade, ouviu bem? A história nunca se repete. O significado das coisas é sempre o agora. A propósito, o velho, louco e sábio Nietzsche já dizia: ‘Se nossos sentidos fossem suficientemente apurados, perceberíamos o penhasco imóvel como um caos dançante.’”

Dioclécia esboçou o seu sorriso de palhaça:

“Legal. Posso estar enganada, mas em certos momentos chego a imaginar que você está fora dos 86,7% da humanidade.”

Pensei comigo: Dioclécia, mais uma vez, estava ganha.

Com estranha lentidão, o elevador chegava ao 21º andar.

(2008)

ECOS NO PORÃO

Lá de vez em quando (e isso começava a se tornar um hábito), meu pai me entregava a moeda amarelo-queimada de um mil réis e dizia para eu ir até a venda comprar o seu *remédio*. Aqueles eram dias em que minha mãe ficava inquieta, passava a maior parte do tempo na cozinha caminhando cismática de um lado para outro a mexer nas coisas como se não as visse, o olhar de quem se afunda em pensamentos distantes, sem prestar atenção no que fazia.

Depois de pegar o frasco vazio de gasosa no balcão debaixo da pia da cozinha, eu saía para a rua na direção do armazém que ficava na esquina da nossa rua com a Conselheiro Mafra. *Seu* Lauro enchia a garrafinha vazia de gasosa, despejando a aguardente branca, marca “Leão”, de um litro esverdeado que estava sempre ao alcance de sua mão na prateleira mais baixa. “Bom proveito pro velho”, costumava dizer, mostrando os dentes num sorriso velhaco, ao me devolver o frasco e guardar o mil réis numa gaveta do balcão.

Eu sabia que muitas coisas poderiam acontecer em casa nos dias em que meu pai bebia o seu *remédio*, mas a verdade é que eu gostava daquilo, embora não dissesse nada a ninguém. Talvez exatamente porque mexesse com a casa, quebrando a sua plácida rotina. Na imaginação, aquilo lembrava a *brincadeira de escorrega* que Renato e eu fazíamos no barranco de um amplo terreno baldio de nossa rua. Escorregávamos sobre a inclinação do barranco, cada um de nós sentado numa larga folha de

coqueiro. Era uma corrida vertiginosa barranco abaixo e então, fazendo algazarra, gritávamos entre risadas “puta merda, puta merda”, sempre prontos para o acidente que pudesse acontecer. Era uma aventura e tanto. Mas eu só não gostava quando meu pai – e devo dizer que isso era raro – caía da sua folha imaginária de coqueiro, rolava pro lado e vinha de trambolhão brigar com minha mãe. Assim não era legal e eu sempre me esforçava para esquecer esses lances.

Quando tomava seu *remédio* meu pai parecia incorporar em espírito outras pessoas, que continuavam sendo meu pai. Era como o médico da história, que se transformasse a cada vez num monstro diferente. Normalmente calado, casmurro até, já ao segundo gole da branquinha começava a falar desinibido, às vezes alegre, às vezes veemente. A nossa casa era grande, tinha quatro quartos amplos, além da cozinha, do banheiro, da sala de visitas e da copa. Tinha também um jardim fronteiro e um quintal aos fundos, sem falar no porão, um grande espaço escuro por baixo de toda a casa, à entrada do qual – uma abertura em arco – a gente chegava descendo três degraus de pedra para uma faixa cimentada, abaixo do nível do terreno. Nos dias de bebida meu pai costumava ficar no quarto ao lado da copa. Sentava diante de sua escrivaninha, sempre cheia de papéis e livros dispersos ao redor do tinteiro e da caneta com pena de aço. Ficava ali horas inteiras, às vezes rabiscando coisas sobre papéis avulsos, às vezes rindo sozinho e falando em voz baixa. Minha mãe, assustada, passeava na ponta dos pés, para lá e para cá, diante da porta do quarto. Espiava lá para dentro, voltava para a cozinha dizendo sempre “por que ele fica assim, parecendo um louco?” Certo dia, naquele

quarto, perguntei-lhe sobre as Musas, assunto de uma tarefa da escola. Ele já havia bebido três copinhos. “Essas professoras sabem tudo errado sobre as Musas”, disse pra mim, soltando uma risadinha matreira. “As Musas, filho, eram em número de nove, todas elas filhas de Zeus e de Memória, e todas elas mensageiras da loucura.” Levantou o corpo pesadão da cadeira, um tanto desajeitado, “vamos até a sala, vou te mostrar uma coisa.”

Sáimos dali, fomos à sala, onde se achava o armário envidraçado com prateleiras cheias de livros. Depois de abrir o armário e retirar um livro, falou: “Isto aqui”, e segurava o livro aberto com reverência solene, “são palavras de Sócrates, grande filósofo grego do mundo antigo. Ele disse neste livro, escrito por outro filósofo chamado Platão, que as grandes criações da humanidade nascem da loucura”. Olhou-me com um olhar exaltado: “Entendeu?” E prosseguiu: “Entre as diversas formas de loucura, filho, está a *possessão pelas Musas*, sem a qual nenhum poeta pode alcançar a verdadeira grandeza. Foi isso o que Sócrates disse. Mas veja bem, poeta é a palavra para designar qualquer criador e devemos distinguir um simples maluco do verdadeiro louco. O maluco é só um idiota que se comporta de modo diferente dos outros idiotas. O louco de que se está falando é aquele que é *possuído pelas Musas*, aquele que sofre o *desvio criativo*, que se dissocia da mediocridade em torno e entra em comunhão com uma dimensão maior, outra camada da mente. Elas, as Musas, eram em número de nove, filho, não sei o nome de todas elas, mas esses nomes estão em qualquer almanaque e não têm nenhuma importância. O importante é o que elas significavam, entendeu? E

elas significavam o toque da loucura criativa! Entendeu, filho?”

Enquanto meu pai falava com o entusiasmo e a fluência que o seu remédio injetava, eu vi que minha mãe, lá do outro lado do espaço interno da casa, me fazia sinais para que não acreditasse em nada do que ele estava dizendo. Mas ele estava ali, o meu pai transformado, diante da claridade vinda das duas janelas abertas da sala, um tanto curvado para frente, aquele corpo massudo e meio vacilante tendo o livro aberto nas mãos e eu percebi que ele não estava me mostrando nada, que ele não falava para mim, ele falava para ele mesmo, era assim como o discurso de alguém que estivesse dormindo, que estivesse vivendo uma realidade paralela, cheia de imagens fantásticas que só ele conseguia perceber. “Está descendo no *escorrega*”, pensei.

Os acontecimentos passados se atropelam, o antes e o depois correm diante da mente como quando você varre para um lado e outro, por meio de um binóculo, uma ampla paisagem enevoada e distante que você viu há muito tempo. E se você lembra de uma pessoa, de quantas pessoas você realmente lembra? Quantas variantes de nós mesmos existem dentro de nós? E acontece também que às vezes uma palavra explode na memória, recriando um instante, tal como o sabor daquele bolinho do escritor famoso. Por exemplo, Valparaíso.

Pelos meus cálculos, meu pai já havia bebido pelo menos quatro copinhos naquele dia. Na noite anterior ficara no quarto ao lado da copa boa parte da noite, falando sozinho no escuro. Nem eu nem minha mãe podíamos entender o que dizia. Invento coisas assim, que eu sabia verdadeiras demais para incomodá-lo:

“Nada! Não fiz nada, loucura alguma! Não vou deixar nenhuma estória escrita, nenhuma canção, nenhuma árvore plantada! Só essas visões que me perseguem, só elas, prisioneiras dentro de mim e que jamais virão para fora!” Patéticas palavras presumidas, catarse virtual e romântica, que parecia ser parte de seu temperamento. Por toda aquela noite ele havia apenas dormitado em cochilos intermitentes, com a cabeça apoiada sobre os braços cruzados no tampo da escrivaninha. De manhã, por volta das nove horas, pediu-me que fosse de novo comprar o seu remédio. Minha mãe se angustiava: “Meu Deus misericordioso! Meu Deus misericordioso!”

A troca de que, meia hora depois que lhe trouxe o frasco de gasosa, levou-me até a abertura do porão da casa? “Venha, vou te mostrar uma coisa interessante!” Me puxava pela mão. Passamos pela copa, entramos pela cozinha, saímos pela porta aberta que dava para o quintal.

“Aonde vocês vão?”

“Sossega mulher, só vou mostrar uma coisa ao guri.”

“Os vizinhos...”

“Que se danem os vizinhos!”

Minha mãe ficou quieta, falar seria o desastre total.

Seguimos para a área onde se abria o porão. Dona Mariana, no quintal da casa à esquerda, estendia roupas num varal e olhou-nos com expressão intrigada. Meu pai ficara atrás de mim e descia agora com dificuldade os três degraus de pedra que levavam ao corredor cimentado. Olhava para baixo com algum receio como se sentisse vertigem, as pernas pareciam rígidas, uma das mãos se firmava sobre a parede lateral da casa. Fiquei esperando

ele descer até enfim chegarmos diante da abertura do porão.

As palavras que proferiu num tom solene, discursivo, vêm agora em tumulto de um tempo distante, talvez deturpadas pela memória:

“A dissociação mental criativa, ou inspiração, é paradoxal, abstrata. Estive pensando nisso ontem à noite, filho. Ela pode se manifestar sob diversas formas. Mas precisa na maioria das vezes de um ponto de apoio concreto para se manifestar. Vou tentar fazer agora uma experiência que talvez dê certo. Uma experiência que pode parecer ridícula, mas que também pode interligar duas realidades diversas.”

Ele se agachou com esforço diante da abertura do porão. Em pé a seu lado, vi que seu rosto, que ficou um pouco abaixo do meu, tinha uma expressão cansada e abatida. “Fique atento”, disse, e a seguir, para meu espanto, gritou bem alto:

“Valparaiísooo!”

Um som cavo, distorcido, foi percorrendo a escuridão que se estendia por debaixo da casa inteira: *Voolporoiísss...*

“Você escutou?”, disse entusiasmado. E voltou a gritar:

“Valparaiísooo!”

De novo se espalhou o som: *Voolporoiísss...*

“Está ouvindo? Isso explica tudo! É a distorção, a coisa nova sobrepondo-se à antiga! Uma segunda realidade, filho, tão válida quanto a primeira! Vamos lá, experimente, grite alguma coisa!”

Eu gritei:

“Jurisconsuultooo!”

“Joresconsoolt!”

Meu pai riu: “É isso! A hipocrisia legal; a falsidade do homem – animal em transformação. A sinecura das classes privilegiadas incorporada numa simples palavra, que não significa nada! Nada! Grite de novo!” Gritei:

“Jurisconsuultooo!”

“Joresconsoolt!”

“Grite outra! Grite outra!”

“Catapuultaa!”

“Catapooltaaa!”

Ficamos algum tempo a gritar e a rir dos ecos diante daquele porão escuro. Eu não sabia muito bem o que meu pai queria provar com todo aquele desatino. Mas na verdade não havia nada que se pudesse provar. Ao morrer, poucos meses depois, deixou na minha lembrança apenas algumas imagens cambiantes, que eram distorções criativas dele mesmo: o inconformismo às limitações ideológicas de seu tempo, o rancor intuitivo às afirmações categóricas. Penso muitas vezes que esse é o ponto de partida para uma – se isto é possível para quem quer que seja – reconstituição de sua memória.

(2007)

PRINCIPAIS OBRAS PUBLICADAS

O vigia e a cidade (contos), planejamento gráfico e xilogravuras de Hugo Mund Júnior, Edições do Livro de Arte, Florianópolis, 1960.

Os pequenos desencontros (crônicas), Coleção “Cultura Catarinense” da Secretaria de Educação e Cultura de Santa Catarina.

O cavalo em chamas (relatos), Editora Ática/Fundação Catarinense de Cultura, série “Autores Brasileiros” nº 72, São Paulo, 1981.

Relatos escolhidos (contos), Editora Garapuvu, Florianópolis, 1998; 2ª edição, 2006.

Contas de vidro (crônicas), Coleção ACL nº 20, Academia Catarinense de Letras, Florianópolis, 2002.

Janela de varrer (contos), Bernúncia Editora, Florianópolis, 2006.

Vias paralelas, reunião de poemas, resenhas literárias e traduções do inglês e alemão, Coleção ACL nº 37, Academia Catarinense de Letras, Florianópolis, 2008.

OUTROS TRABALHOS PUBLICADOS

Sonetos da noite (seleção de poemas de Cruz e Sousa), com planejamento gráfico e xilogravuras de Hugo Mund Júnior, Edições do Livro de Arte, Florianópolis, 1958; 2ª edição, FCC Edições, Fundação Catarinense de Cultura, 1988.

Artepoema (catálogo de exposição), experiência de integração poesia/pintura realizada com o artista plástico Hiedy de Assis Corrêa (Hassis), Florianópolis, 1983.

Sete riscos na pedra, sete poemas, Edições Sanfona, Florianópolis, 1985.

Hybris, plaquete de poesia e prosa, Editora Sempredo, Florianópolis, 1989.

- 140 *O olho de Deus*, conto em plaquete, Editora Sempredo, Florianópolis, 1992.
- ♦
- Ecos no porão
- Este mar catarina* (organização, com Flávio José Cardozo e Salim Miguel), Editora da UFSC, Florianópolis, 1983.
- Este humor catarina* (organização, com Flávio José Cardozo e Salim Miguel), Editora Lunardelli, Florianópolis, 1985.
- Este amor Catarina* (organização, com Flávio José Cardozo e Salim Miguel), Editora da UFSC, Florianópolis, 1996.
- Trololó para flauta e cavaquinho* (crônicas), em parceria com Flávio José Cardozo, Editora Garapuvu, Florianópolis, 1999.
- Poesia contemporânea em Santa Catarina* (organização), coletânea de poemas de vários autores, Editora Garapuvu, Florianópolis, 2003.

ROTEIROS

Honra da casa, roteiro para TV, inspirado em conto de Flávio José Cardozo, redigido em colaboração com o escritor Pinheiro Neto e apresentado em especial pela Rede Brasil-Sul de Comunicações, 1981.

Teus brancos seios, roteiro para história em quadrinhos, a partir de crônica de Flávio José Cardozo, com desenhos de Marley Tanis Cardoso. Publicado em "Ô Catarina!", nº 7, Fundação Catarinense de Cultura, novembro de 1993.

PARTICIPAÇÃO EM COLETÂNEAS

Contistas novos de Santa Catarina, Edições Sul, Florianópolis, 1952.

Antologia de autores catarinenses, Editora Laudes, Rio de Janeiro, 1970.

Panorama do conto catarinense, organizado por Iaponan Soares, Editora Movimento, Porto Alegre, 1974.

Assim escrevem os catarinenses, organizado por Emanuel Medeiros Vieira, Editora Alfa Ômega, São Paulo, 1976.

21 dedos de prosa, Editora Cambirela/ACEs, Florianópolis, 1980.

Cambada de mentiroso, Editora Lunardelli, Florianópolis, 1987.

Numa ilha, Fundação Cultural Prometheu Libertus/ Editora Noa Noa, Florianópolis, 1993.

Os dez mandamentos, antologia de contos organizada por Francisco José Pereira, Editora Garapuvu, Florianópolis, 1996.

Contos da ilha/Cuentos de la isla (edição bilíngue), Editora Insular/FCC Edições/ Fundação Franklin Cascaes, Florianópolis, 1996.

Círculo de mistérios, antologia de contos policiais, organização de Francisco José Pereira, Editora Garapuvu, Florianópolis, 2000.

Nossos melhores contos, Editora Garapuvu, Florianópolis, 2003.

Nem sempre foi assim: contos dos anos de chumbo, Editora Garapuvu, Florianópolis, 2007.

13 Cascaes, edição comemorativa do centenário de Franklin Cascaes, Fundação Franklin Cascaes, Florianópolis, 2008.

Este livro foi editorado em Utopia, fonte projetada por Robert Slimback em 1989. Seu nome vem da singela pretensão de combinar características dos tipos transitórios do séc. XVIII [como a tensão vertical e o contraste acentuado] com inovações dos tipos moderninhos [como as serifas indefinidas e os miolos abertos].

Miolo em papel pólen bold 90 g; capa em cartão supremo 250 g. Impresso na Gráfica e Editora Copiart em sistema de impressão offset.

E poderia repetir em silêncio para consigo de maneira prosaica os versos de Eliot, como um lembrete dirigido a sua ilusória individualidade: “Quem é o outro que sempre anda a teu lado? Quando faço a soma, somos apenas dois, lado a lado, mas se ergo os olhos e diviso a branca estrada, há sempre um outro que a teu lado vaga, a esgueirar-se envolto sob um manto escuro, encapuzado. Não sei se de homem ou de mulher se trata, mas quem é esse que te segue do outro lado?”

